Ano 2.º Numero 78 ✻ ✻ ✻ SEIS PAGINAS ✻ ✻ ✻ Aveiro, 8 de agosto de 1912

A LIBERDADE

Alberto Souto
Director

Republicano-Democratico

Rui da Cunha e Costa
Administrador e secretario

PROPRIEDADE DA EMPREZA A LIBERDADE

Redacção, administração e tip.—*P. Luiz Cipriano, R. dos Tavares.* Impressão a vapôr da Tip. Silva—*L. Camões, Aveiro*

EDIÇÃO DO DIRECTOR

MUSEU AVEIRO BIBLIOTECA

Dignidade Nacional

Cairá o ministro dos estrangeiros? E' possivel, mas o que não é possivel é cair com a Republica o brio do nome português. — Os nossos incidentes diplomaticos. — A monarquia e o estrangeiro. — O sr. Canalejas. — A Republica e a dignidade nacional.

Aos nossos ouvidos teem chegado já os primeiros rumores da demissão do ministro dos estrangeiros do gabinete Duarte Leite, o dr. Augusto de Vasconcelos.

Não nos surpreende o facto, bem pelo contrario o esperavamos desde o dia em que nos convencemos de que nem o governo de Espanha satisfazia todas as reclamações do governo português sobre os incursores, nem era possivel um rompimento formal entre os governos dos dois estados peninsulares.

Só quem de todo desconhece as praxes da diplomacia e quem nunca seguiu com atenção nas paginas da Historia ou nas colunas da imprensa, os incidentes internacionais é que poderá estranhar que se dê neste momento a saída do dr. Vasconcelos das cadeiras do poder.

Na iminencia desse acontecimento, que nenhum espanto nos causa, embora profundamente o lamentamos, justas e necessarias se tornam as considerações que a seguir bordamos e que nos são sugeridas pela digna e nobre atitude do gabinete Duarte Leite em face dos abusos da Espanha, das inconcebiveis afrontas que o sr. Canalejas nos fez e dos atentados que cometeu contra o direito das nações e contra a respeitabilidade da Republica Portuguêsa e do seu governo legitimamente estabelecido e reconhecido por todos os estados do mundo.

* * *

Pode o sr. Canalejas não satisfazer, como presentemente o declara já, as reclamações mil vezes justas do governo português exigindo a expulsão daqueles emigrados realistas que por duas vezes, vindos de Espanha e em territorio galego organisados militarmente, entraram armados em Portugal tentando restabelecer a forma monarquica.

O que é certo, é que o governo português procedeu nesta questão com uma energia desusada, com uma firmeza e um desembaraço, uma consciencia e um desassombro que são verdadeiramente dignos da nossa admiração e causa da nossa ufania.

Dos multiplos vexames por nós sofridos do estrangeiro até esta data, nos tempos modernos, desde as forcas de Beresford, a violencia da esquadra de Roussiu, a questão do Charles et George até ao Ultimatum Britanico, nenhum tem deixado em nós outra impressão que não a da tristeza e do desalento, da submissão e da fraqueza.

A subserviencia dos nossos governos nos ultimos incidentes concorreu imenso para enfraquecer e amesquinhar o caracter nacional. Tornámo-nos uns vencidos, conscios de uma deprimente inferioridade perante as nações civilisadas.

Um fenomeno identico se operava na Espanha, vencida das Antilhas, estupidificada pelo beaterio e pela reacção.

Mais evidente se tornava o fenomeno em França onde, depois de 70, todo o heroico povo dos exercitos republicanos e napoleonicos, pareceu um povo de vencidos, desorientado e perdido, sem finalidade nacional e sem ideais, arrastado em todos os sentidos pelas correntes mais nefastas e dissolventes.

Como consequencia dessa prostração causada pela derrota, a Espanha perdeu as colonias e a França sofreu uma série de desastres diplomaticos de todos bem conhecidos.

Como consequencia desse estado de doentio abatimento em que caìu, Portugal sofreu todos os vexames e passou por todas as vergonhas sem ter ao menos, por parte dos seus governos, um gesto de altivez, uma palavra de protesto, como o *pur si muove* do sabio Galileu.

* * *

Veio a Republica e a Republica feita pelo povo num movimento de repulsa contra a podridão monarquica, deu-nos a consciencia da nossa soberania, da nossa força e da nossa dignidade e deu ao governo a energia que dá a razão em defeza da autonomia e dos direitos do paiz.

Em frente dos abusos do governo de Canalejas, apoiado num exercito a valer e nos largos recursos de um paiz poderoso o vasto, o governo da Republica ergueu alto o seu protesto e afirmou altiva e nobremente os nossos direitos.

Foi consoladora a sua atitnde, patriotica e alevantada.

Pode caír o sr. Vasconcelos em obediencia ás praxes, na impossibilidade de impormos pela boca das espingardas, pela voz dos canhões e pela metralha dos nossos vasos de guerra, as reclamações ligitimas que fizemos. Mas o que não caíu nem cai com a Republica foi a honra e o brio do nome português perante as ofensas do sr. Canalejas.

Com jubilo intenso o constatamos: a Republica sabe ser digna do povo que com o seu sangue a implantou e com o seu esforço a defende a todo o instante. O jornalista Pierre Baudin, ainda ha pouco, a proposito da nossa Republica e da falada missão do barão Marschall em Londres, dizia na *Action*, de Paris, esta verdade que o governo republicano de Portugal acaba de provar em contraste com as transigencias dos desnaturados governos do regimen extinto:

«Num estado fraco, a monarquia admite por vezes transigencias e abandonos que nenhuma monarquia poderia consentir».

E' verdade. O sr. Canalejas o sabe já nesta hora mesma em que nós não tivemos ainda tempo de reorganisar o exercito nem de construir a esquadra, mas em que tempo tivémos já para aprendermos a ser portuguêses.

O que o sr. Canalejas, apezar de tudo, ficou sabendo, cáia ou não o nosso ministro dos estrangeiros ou todo o governo, é que tem de contar, em tudo e para tudo que com Portugal se relacione, com o patriotismo e a dignidade da Republica Portuguêsa!

Politica republicana

A BOA DOUTRINA

Acabe-se com o influente, o cacique, o intermediario.—Atenda-se o povo directamente, chame-se o povo, eduque-se o povo!

Belo, grande, admiravel ensinamento acaba de dar o governador militar de Viana do Castelo, o coronel Pereira de Eça.

A sua circnlar ás autoridades do distrito é um exemplo da boa, da sã doutrina democratica.

Fazer politica na Republica não é, não pode ser, cacicar como dantes, arranjar influentes, continuar a politicagem de compadrio da monarquia.

A politica da Republica tem de ser feita assim como o coronel Pereira de Eça o ensina e preconisa ás autoridades do seu distrito.

Eis os termos dessa circular:

Cumpre:

1.º—A' autoridade pôr-se diretamente em contacto com o povo, eliminando-se «absolutamente» a acção do influente e o predominio do paroco, isto é, fazendo sentir que só ha uma influencia da autoridade no exercicio do seu cargo.

2.º—Prescrever de vez a acção dissolvente do empenho, que representa a desqualificação do merito, falseia a acção do direito, provoca repugnantemente o abuso.

3.º—Exigir com toda a energia, com toda a força de um caracter rigido, o cumprimento do Dever.

4.º—Defender com o maior interesse o interesse dos seus administrados, fazendo vêr que a protecção dos direitos de cada um é uma das mais alevantadas missões da autoridade.

5.º—Aproveitar todas as ocasiões que se proporcionem para, a proposito de um facto concreto, prégar os principios da boa doutrina, procurando convencer do seu erro aqueles que se eximirem ao cumprimento do Dever ou apresentarem pretensões contrarias á Lei, procurando ainda convence-los de que é necessario o concurso de todos para que a Nação se apresente modelar, impondo-se ao respeito do mundo inteiro.

6.º—Que esta acção das autoridades administrativas deve ser continua, persistente e inflexivel.

E', pois, desta maneira, que determino seja orientado o procedimento dos srs. administradores do concelho, que os mesmos administradores orientem a acção dos regedores, porque sómente assim é que se póde mostrar, de uma maneira sensivel, ao povo, quanto valem as instituições democraticas e o povo pode aprecia-las devidamente, pelos beneficios que delas derivam.

. O governador militar (a) Antonio Julio da Costa Pereira de Eça, *coronel.*

Fanfarronada ofensiva

O correspondente do *A. B. C.* que esteve em Portugal, bolsando para esse jornal espanhol varias apatacoadissimas asneirolas sobre a situação da Republica, dizia num dos seus ultimos apasquinados aranzeis que se *«o governo espanhol quizesse ajudar Paiva Couceiro bastaria darlhe vinte guardas civis disfarçados, pois que não seriam precisos mais para tomar a praça de Valença!»*

Comentarios a essa fanfarronada que ofende os brios do soldado portuguez?

Os unicos que se lhe poderiam fazer seriam dois sopapos de um valente recruta do nosso exercito aplicados na focinheira do espanholissimo correspondente.

NA HORA DA JUSTIÇA

Dizem os jornais que ao ser pronunciada a sentença no tribunal marcial de Cabeceiras de Basto, condenando a penas de prisão maior celular e de degredo alguns dos revoltosos dali, as familias romperam em choro aflictivo, lamentando a sua desgraça.

Teem razão. Mas quem os desgraçou não foram aqueles militares que em obediencia á Justiça e á Lei os acabam de condenar, nem a Republica e a sociedade que se defendem em nome dos interesses da Nação contra os perturbadores da tranquilidade da Patria e da segurança do regimen.

Quem os desgraçou foi a sua ignorancia e foi a sua cegueira. Mas mais que isso ainda, foram os rancorosos chefes que os conduziram á revolta e ao crime e se pozeram a salvo na hora das contas com a Justiça.

Que lhes agradeçam os condenados! que as desgraçadas familias destes ao vêrem partir os seus para a prisão, para o porão de um navio, para a penitenciaria e para o degredo, agradeçam aos bandidos e reverendos exploradores da sua ingenua ignorancia e do seu cego fanatismo os serviços que lhe prestaram!

NOVOS TEMPOS

Miss Alice Lawrence, aquela inglêsa correspondente de um jornal britanico que foi presa por conspiradora em Lisboa e sua mãe, outra inglêsa, proprietaria de um hotel em Cintra, ao serem-lhes passadas buscas em suas casas protestaram—que eram inglêsas.

Eram inglêsas, mas como tais em Portugal sugeitas às leis do paiz e por essas leis foram tratadas, sem violencias, mas sem contemplações nem tremuras de voz por parte das autoridades da Republica.

O ministro de Inglaterra, que as damas em questão chamaram à scena, limitou-sa a verificar que eram cumpridas as formalidades da lei e que não havia abuso algum contra as suas compatriotas a quem por completo abandonou à investigação criminal.

Outros tempos vão correndo em Portugal. Portuguêses e estrangeiros que aqui residem teem de cumprir as leis da Republica, sem excepções nem subtilezas. A soberania nacional afirma-se cada vez mais forte e respeitavel nestes tempos em que ha já a nitida consciencia dos nossos direitos.

"A Liberdade,, vende-se em LONDRES na Librerie Hispano-Americana, Charing Cross - Road - W. C. 134.

Governador Civil

O nosso prezado colega o *Mundo* tem nesta cidade um correspondente que, pelos seus poucos escrupulos, está prejudicando altamente a politica do distrito.

Em telegramas de Aveiro, o *pouco escrupuloso* informador do *Mundo* deu agora a noticia de que o sr. governador civil vai ser exonerado do seu logar e que se aguarda com anciedade a nomeação do seu substituto. Ora a verdade é que o sr. Julio Ribeiro de Almeida não mais insistiu pela sua exoneração, desde que o sr. Duarte Leite lhe pediu que continuasse no exercicio do seu cargo.

Não insistiu, e estamos certos de que não insistirá, embora pese ao *pouco escrupuloso* correspondente do nosso colega o *Mundo*.

Um governo português

Acha-se possuido de espanto, boquiaberto, o portuguesinho, ao ver a atitude do governo da Republica em frente do gabinete de Canalejas, falso, desleal e abusivo para comnosco.

O governo português tem sabido conportar-se com uma energia e uma firmeza que não estavamos já acostumados a ver nos governos deste paiz, tão envergonhado e deprimido ele vivia na monarquia, no meio da irrisão do mundo culto.

Com a Republica o povo português acordou, ergueu-se, dignificou-se e os nossos governos, mandatarios da vontade da nação, conscios da força da razão e do direito que assiste á Republica, manteem-se na mais patriotica das atitudes perante o governo da Espanha.

A Republica Portuguêsa, independente e livre, não admite ofensas aos seus direitos nem enxovalhos á sua dignidade. Saibam-no todos os portuguêses para se honrarem com o regimen, os estrangeiros para nos respeitarem como nós merecemos.

O gabinete Duarte Leite é um governo digno da nação portuguêsa.

Os julgamentos dos conspiradores

Teem continuado os julgamentos dos conspiradores nos tribunais marciais de Braga, Cabeceiras de Basto e Chaves. A maior parte dos individuos implicados nos ultimos acontecimentos, julgados já, foram condenados a 6 anos de prisão maior celular, seguidos de 10 de degredo ou na alternativa de 20 de degredo.

A LIBERDADE vende-se em Lisboa, na tabacaria Monaco, ao Rocio.

Correios

O Job da Biblia nos acuda, que estes correios de Portugal resolveram quebrar-nos a cabeça, massar-nos, perseguir-nos, em todos os tempos.

No ultimo sabado lançámos á mesma hora dois postais no correio para o concelho de Agueda. Um foi entregue, outro não.

E ácerca deste ha que scismar. Poderiamos dar-nos ao trabalho de saber onde esse postal foi demorado, e pode crer o autor da partida qne não seria dificil sabe-lo e que não continuaria a aquecer o logar por muito tempo.

Mas não, descance. O coração é grande, forte o animo, infinita a paciencia. Já nos não queixamos.

Hoje recebemos a *España Nueva* que devia ser entregue... á falecida *Educação Nacional*, do Porto, etc., etc., etc.

Mas queixas para quê?

A atitude do sr. Canalejas perante as reclamações do governo português

O sr. Canalejas, presidente do governo de Espanha, deixando-se entrevistar por um redactor do *Temps*, disse que está pronto a dar ao governo português todas as satisfações compativeis com a sua dignidade. Com referencia aos emigrados portuguêses declarou que todos eles foram internados e presos os cabecilhas a quem as autoridades poderam deitar a mão. O governo espanhol, porém, não expulsará do seu territorio nenhum dos emigrados, como parece ter sido pedido pelo governo português.

Para a compra de aeroplanos

As subscrições abertas pelo Directorio do Partido Republicano e por varios jornais de Lisboa, para a compra dos aeroplanos que hão-de ser oferecidos ao nosso exercito, encontraram no nosso povo o melhor acolhimento.

O primeiro aeroplano, adquirido pelo *Seculo*, deve chegar a Portugal dentro em breves dias. Alem destas subscrições, que se acham já bastante adiantadas, outras se teem aberto em diferentes terras do paiz e que vão engrossando a iniciada pelo Directorio.

E' de esperar, pois, que possamo adquirir uma flotilha aerea de algum valor,

PELA PATRIA!

Definição do objecto da nossa defeza

O PERIGO DA ESPANHA

(Do notavel livro do sr. Ferreira do Amaral sobre «Defeza Nacional», publicado em 1907, extraímos hoje a passagem que a seguir publicamos e que tem a maior atualidade.)

A aspiração de defeza de Portugal não deverá nunca fazer lembrar o burlesco episodio da fabula da rã, a querer imitar o touro, arruinando-se por pretender o impossivel; mas não só pode, deve, se quizer ser nação independente, se quizer conservar as suas colonias, que são a primeira razão de ser da sua existencia autonoma, envidar todos os seus esforços, fazer consistir neles toda a sua exclusiva politica civil e militar, e preparar a sua defeza contra o seu inimigo tradicional e historico naturalmente indicado; quando tiver realisado este ideal de preparação, sensato e inadiavel, terá conseguido, mas só então, transformar o inimigo, contra que se prepare, no seu melhor amigo, no seu aliado mais interessado, mais dedicado e mais sincero, porque será essa intima amisade, que lhe garantirá a segurança da sua fronteira de Oeste, contra qualquer incursão que forças inimigas queiram praticar, de acordo com qualquer movimento do adversario, atacando o seu litoral no Mediterraneo ou pela fronteira do Léste.

Para nós, no nosso modo de ver, e cremos não poder haver discrepancia de opinião entre todos os portuguêses, o inimigo tradicional, o inimigo, mais do que possivel, provavel, ou quasi certo, se continuarmos como até agora quasi indefezos por terra, e por mar completamente expostos a qualquer ataque, isto é sem possibilidade de resistencia eficaz, é a Espanha; e isto com uma circunstancia, que torna a hipotese excecionalmente exotica perante a sciencia da guerra, e é que se, em ocasião de conflito, nós pensassemos em, por um retorno ofensivo, atacar o exercito invasor e conquistar a Espanha, já houve um antigo ministro espanhol acreditado na côrte de Lisboa, que dizia ser a tarefa facil ao exercito português, porque a Espanha receberia os soldados lusos como irmãos, sendo esta a formula que, ao mesmo ministro, se afigurava mais eficaz e conciliadora, de se realisar a união iberica, de que foi ferveroso e incansavel apostolo.

Se pela força das circunstancias o nosso inimigo é, como sempre tem sido, a Espanha, ao objectivo exclusivo de contra esta nos defendermos deve, como é claro, obedecer á organisação da nossa defêsa.

Neste presuposto, que cremos não poder sofrer contestação, as nossas instituições militares, os nossos meios em pessoal e material de guerra, as nossas alianças, as nossas preocupações de preparação têm que ter, por unico e exclusivo fim, evitar que a Espanha se lembre de querer pôr em pratica o unico sentimento e a unica aspiração em que todos os espanhes estão de acordo — formar da grande peninsula iberica, pela absorção violenta, ou pela forma indirecta da federação, como Bismark realisára para a Alemanha, uma nação unica, uma nação que se puzesse a par das nações de primeira ordem da Europa; um paiz que pudesse entrar no concerto europeu, como elemento a considerar pelo valor dos seus recursos, pela valentia dos seus soldados e marinheiros, pela força e importancia que lhe daria a sua excecional posição geografica e estrategica, pelo seu belo clima, pelo seu solo uberrimo, e pela independencia em que ficaria de todo o mundo.

Escusamos de fazer quaisquer declarações de que, na definição do objectivo da defeza de Portugal, nos não move qualquer exagerado intuito regionalista, ou se deva concluir da nossa opinião sobre esse objectivo que albergamos, no nosso espirito, a menor suspeita de que as palavras e os discursos dos homens mais notaveis de Espanha, na atualidade, não estejam em completa concordancia com as suas intenções presentes, ou que não sejamos nós, como toda a gente de mediano bom senso em Portugal deve ser, partidarios sinceros da conservação da mais inteira e sincera estima entre as duas nações visinhas.

O que pretendemos é que a aproximação, no que aos interesses de ambas possa aproveitar, se faça á boa paz e para a gloria e bem-estar dos dois povos limitrofes, com a condição porém de que tal aproximação se possa evitar e repelir, quando circunstancias, que se podem dar dum momento para o outro, queiram fazer dessa estima sincera e honestamente mantida uma absorção disfarçada em doçuras federais, ou uma conquista violenta pelas agruras de uma invasão directa.

Muito amigos e muito bons visinhos; mas, para podermos dormir descançados, é necessario que nos asseguremos, custe o que custar, que as portas da nossa casa tenham fechaduras de confiança.

O que pretendemos é que, em vez de confiarmos por demais em alianças, que só podem ser eficazes, quando aos aliados mais fortes convenha conserval-as, nós possamos estar descançados de que, uma vez isolados, como se encontrou a Dinamarca na sua luta com a Prussia, e o Japão nas duas contendas com a China e com a Russia, nós possamos estar seguros, de que temos, usando da locução popular, na *prata da casa*, meios de resistencia eficazes e seguros; e que, mesmo quando a sorte da guerra nos seja adversa, nós fiquemos para a Historia como ficou a Dinamarca, apesar de perder os estados de Sleswig, nas circunstancias de podermos aplicar á nossa consciencia a grande frase do celebrado monarca—*Perdeu-se tudo menos a honra.*

No nosso modesto modo de ver, o problema de nos prepararmos eficazmente contra uma possivel investida espanhola, cabe perfeitamente dentro dos nossos recursos, e por isso se nos impõe como o nosso objectivo militar exclusivo, dando-se o caso de que, uma vez para ele preparados, ficaremos servidos para todas as hipoteses que, dentro dos nossos recursos, possam caber.

Para que este ideal de defeza seja uma realidade, e para que possamos assim garantir a paz perpetua entre as duas nações visinhas, é preciso porém que façamos desse objectivo o exclusivo fim, e a constante e permanente intenção da nossa politica militar, subordinando a ela a nossa politica tanto externa como interna, o nosso pensamento de todos os dias, e a educação civica das sucessivas gerações que se forem creando.

Trindade Coelho

Passa ámanhã o aniversario da morte do malogrado escritor que tantos serviços prestou á instrução e á democracia.

Leia-se a sua obra, já não a de jurisprudencia que é de subido valor, mas a literaria e educativa: *Os meus amores, O Manual Politico do Cidadão Portuguez!*

Lê-os a gente e chora bem sinceramente o desaparecimento da alma que os criou e da pena que os escreveu!

Lêr na 2ª pagina:
A Semana Comercial e Industrial

A Semana Comercial e Industrial

N.º 5 — Publica-se duas vezes por mez, depois dos dias 1 e 15 — Aveiro, 8 de agosto de 1912

O mercado dos Estados Unidos
e os produtos portuguezes

A aguardente de vinho
Porque não tenta o comercio portuguez a sua introdução no mercado americano?

Eis o que sobre o assunto diz o nosso consul em Nova-York no seu relatorio de 24 de junho de 1911:

Como deixei dito no meu anterior relatorio não serão nunca, a meu vêr, os Estados Unidos um grande mercado para os vinhos portuguêses. E' certo que a sua importação, que em 1905-1906 foi apenas de 166:036 dólares, atingiu em 1909-1910 o valor de 310:492 dolars. Não é menos certo que uma propaganda constante, feita directamente pelas companhias vinícolas portuguêsas ou pelas casas importadoras ás quais as companhias remetessem á comissão as suas melhores marcas, poderia nalguns anos fazer subir dalgumas centenas de mil dólares o valor acima indicado. No emtanto, devido ao pouco consumo de vinho, com excéção do champagne, neste país, e ao constante aumento da produção vinicola da California, nunca, creio eu, chegariamos a fazer dos Estados Unidos o que se possa chamar um grande mercado para os nossos vinhos.

Ha, no emtanto, neste país, um mercado para o vinho português que, se é pequeno comparado com a importancia da nossa produção vinicola, sóbe já a algumas centenas de contos de réis, com manifesta tendencia para aumentar.

Outro tanto, infelizmente, se não pode dizer com referencia a um dos seus importantes derivados, a aguardente. Contudo, a importação de aguardente de vinho nos Estados-Unidos tem aumentado consideravelmente nos ultimos dez anos. Assim, essa importação que em 1900-1901 era apenas de 290:301 galões com o valor de 843:318 dólares, atingia em 1904-1905 403:385 galões com o valor de 1.139:129 dólares e em 1908-1909 764:244 galões com o valor de 1.961:170 dólares. A importação total de aguardente em 1909-1910 foi de 716:259 galões com o valor de 1.899:021 dólares.

Escusado será dizer que esta importação de aguardente se faz sobretudo preparada com cognac e que a França é e tem sido sempre o principal exportador do género.

A sua exportação para este país, que em 1900-1901 foi de 258:209 galões do valor de 771:046 dólares, subiu, em proporção com o aumento da importação total, para 658:742 galões do valor de 1.817:261 dólares em 1908-1909. No ultimo ano a França exportou 1.754:924 dólares de cognac. Portugal figura na importação de aguardente de vinho com uma muito diminuta quantidade: 132 galões em 1906-1907, 34 em 1907-1908, 174 em 1908-1909 e 53 em 1909-1910. Os Açores e Madeira aparecem na estatistica aduaneira com uma exportação de 392 galões em 1907-1908.

Como se vê, Portugal pouco ou nada se tem aproveitado deste importante e crescente mercado para a colocação da sua aguardente. No emtanto, julgo que no nosso país se prepara já um rasoavel cognac e que dele se tem feito com resultado alguma exportação para o Brazil. Não poderá o produto português lutar aqui com o cognac francês? E' certo que a França tem aumentado as suas remessas para este país na proporção do aumento de consumo, mas isso não quer dizer que outros países vinicolas não devam concorrer no mercado. Não se entenda que Portugal poderia tirar o mercado á França. Tal pretensão seria simplesmente irrisoria. Mas o nosso país poderia, tentar, embora em resumida escala. a introdução neste mercado do seu produto.

Veja-se qual tem sido o progresso da exportação da aguardente dos outros países europeus para se fazer uma ideia justa do que Portugal poderia ter feito, e não fez, nestes ultimos dez anos, para a colocação do seu produto neste mercado. A Austria-Hungria, que em 1900-1901 exportava apenas 6:413 galões com o valor de 9:888 dólares, viu a sua exportação alcançar em 1909-1910 29:000 galões com o valor de 36:377 dólares. A Alemanha, cuja remessa foi em 1900-1901 de 7.679 galões com o valor de 14:322 dólares, exportou em 1909-1910 17:860 galões com o valor de 26:481 dólares, tendo chegado no ano anterior a expôrtar 33:452 galões com o valor de 28:263 dólares. A Grécia exportou em 1900-1901 apenas 827 galões no valor de 1:346 dólares. Pois em 1909-1910 remeteu para este paiz 8:752 galões no valor de 15:703 dólares, tendo mesmo alcançado a sua exportação de 1906-1907 o valor de 29:960 dólares, a de 1907-1908 o de 28:452 dólares e a de 1908-1909 o de 26:667 dólares. A Italia, cuja exportação de aguardente para este paiz foi em 1900-1901 de 1:456 galões com o valor de 1:591 dólares, expediu em 1908-1909 9:229 galões com o valor de 11:172 dólares. A sua exportação em 1909-1910 foi de 6:152 dólares.

Não é realmente muito importante a importação de aguardente da Europa, sem contar a importação francêsa, neste país, mas comparem-se esses numeros com os que representam a exportação portuguêsa e ver-se-ha que ao passo que os outros países produtores têm tratado de aumentar a sua exportação, Portugal nada tem feito nesse sentido. Pensem os exportadores portuguêses neste mercado sempre crescente, enviem amostras, façam as remessas pedidas absolutamente da mesma qualidade da amostra apresentada, e estou convencido que em pouco tempo verão a sua exportação igualar pelo menos a dos paízes exportadores, se excéptuarmos, entende-se, a França.

O SAL NA INDIA

A produção indigena.—A importação.—O sal português.

Durante os 5 anos de 1904-1909 foi de 1.186.469 toneladas metricas a produção do sal na India.

Desde essa data a produção indigena aumentou tambem pela redução dos direitos alfandegarios, que baixaram a 1 rupia por Maund Indiana de 82 libras inglêsas.

Foi em Março de 1907 que se decretou esta baixa nos direitos.

O sal indigena é produzido pela evaporação da agua do mar, pela evaporação da agua de alguns lagos e pelas minas.

Na Birmania o sal é todo de agua do mar e dos lagos. Na Raypontana o sal dos lagos é calculado em 300.000 toneladas anuais.

Toda a India é abundante em sal, principalmente a costa do Cuth e do Sind, em uma extensão que chega ao distrito de Delhi e de Bhawalpur.

Os lagos de Samphar e Pachpatra são tambem muito ricos em sal. As Provincias Centrais, Devar, Provincias Unidas, Punjal etc. bem como as Provincias Fronteiras do N. O. consomem o sal de Rajfontava.

A India Britanica consumiu 1.608.726 toneladas de sal em 1909-1910; deste total 1:182.278 toneladas são do paiz e 498.448 foram importadas.

Em 1909-1910 a Inglaterra forneceu á India 152.045 toneladas de sal; a Alemanha 57.440; a Espanha 120.998; a Turquia 53.886; Aden 60.784; O Egito 52.242; e outros paizes 11.055.

O sal espanhol teve muita aceitação e pagou bem como o alemão fretes muito vantajosos. O imposto pago para o Estado foi de 141 laques de rupias em 1909-1910 contra 137 laques em 1908-1909. O laque de rupias corresponde aproximadamente a 170:000 francos.

O mercado indiano seria pois um belo campo para a boa colocação do sal português, tanto mais que os fretes, que poderiam ser aproveitados pela nossa marinha mercante, conforme acima se diz foram para a Alemanha e Espanha muito remuneradores.

MERCADOS MONETARIOS

Taxas de desconto

As taxas de desconto nos bancos europeus não sofreram alteração sensivel nas ultimas semanas. A de Portugal continua a ser a mais elevada, como se vê do seguinte mapa:

Alemanha . . .	4 1|2 p. c.
Austria	5 p. c.
Belgica	4 p. c.
França.	3 p. c.
Hespanha. . . .	4 1|2 p. c.
Holanda.	4 p. c.
Inglaterra. . . .	3 p. c.
Italia.	5 1|2 p. c.
Portugal	6 p. c.
Suissa	4 p. c.

=†=

Cotações cambiais na quinzena

	15 de junho		8 de junho	
	Comp	Vend.	Comp	Vend.
Lond. cheque..	48	48	48 5|8	48 1|2
Lond. 90 d|v..	49	—	49 1|8	—
Paris cheque...	587	589	586	589
Italia »	580	588	579	585
Alem. »	241	242	241	242
Holand. »	408	410	408	410
Madrid »	920	930	920	930
N. York »	1$010	1$020	1$010	1$020
Libras.	4$900	4$950	4$900	5$950
Agio do ouro..	8 0|0	10 0|0	8 0|0	12 0|0

O cambio do Rio sobre Londres ficou, em 30 de julho, a 16,13\|16.

Valor da libra no Rio: 14$826 réis fracos.

=†=

Acções bancarias

As acções do Banco de Portugal proseguiram invariavelmente no decorrer da semana a 152$500, vendendo-se hoje as de assentamento a 153 e tendo-se registado nos ultimos dias ofertas de papel a 153 e 153$500. Com o dividendo do 2.º semestre de 1911, venderam-se a 162$300. As acções do Lisboa e Açores subiram de 96 a 96$500, tendo as do Ultramarino sustentado a cotação de 96. As do Comercial de Lisboa não tiveram transacções, ficando comprador a 131.

Preços dos generos
NA
Praça de Lisboa

NA ULTIMA SEMANA

Cereais—*Milho:* da terra, preço por 14 litros, 520 réis; das ilhas, por 13,8 litros: amarelo, 470; branco, 440 a 460.

Trigo: em vigor a tabela do Mercado Central de Produtos Agricolas.

Aveia: por 20 litros, 440 réis.

Cevada: da terra, por 14 litros, 420 réis; da ilha, 340 a 360, por 13,8 litros.

Semeas: por kilog., 31 réis.

Alimpadura: por kilog., 25 rs.

Arroz: em Lisboa, preços por kilog.: Bremen, 1.ª a 110, 2.ª a 105; Veneza, 150; Rangoon, 110; Patna, 150;—por 15 kilog.: Nacional, 1$800; da terra descascado 1$750; o mesmo, fóra de Lisboa, 1$600. Na alfandega, preços por 1 kilog.: Bremen, 1.ª a 70, 2.ª a 65, Veneza, 105 réis.

Massas: por 15 kilog., incluindo as taras: semola de 1.ª, 2$100; de 2.ª, 1$900 réis; massa de 1.ª, (cortada e massinhas), 2$100; de 1.ª inteira (macarrão, macarronete, aletria, lazanha e talharim), 2$200; de 2.ª cortada, 1$900; de 2.ª inteira (macarrão e macarronete), 2$000; de 3.ª (cortada), 1$500; de 3.ª inteira (macarrão e macarronete), 1$600; de luxo: a granel, 2$700; em pacotes ou saquinhos de 0,250 gr., 3$200; semola de luxo, 2$700. Ha descontos de revenda e de pronto pagamento.

Farinhas de milho: para exportação: preços a bordo: caixa de 88 kilog., 6$300; meia caixa de 44 kilog., 3$400; barrica de 88 kilog. 6$500; meia barrica de 44 kilog., 3$500; por kilog. fora, 62 réis. O desconto é de 10 p. c.

Farinhas de trigo:—Preços em Lisboa: 1.ª, 100; 2.ª, 90; 3.ª, 82 rs., com desconto de 1 por cento.

Para a provincia, os preços são respectivamente de rêis 102, 92 e 84, com o desconto de 3 p. c.

Para exportação os preços são os seguintes: caixa de 88 kilog., réis 7$000; meia caixa de 44 kilog., 3$900; barrica de 88 kilos, 7$600; meia barrica de 44 kilog., 4$100; saco dobrado de 88 kilog., 7$000; saco dobrado de 44 kilog., 3$900. O praso é de 90 dias. Ha descontos de revenda e de pronto pagamento.

Legumes—*Fava*—da terra, 540 réis por 14 litros; fava ratinha, 550; das ilhas, a bordo, branca, 530; rôxa, 500, por 13,8 litros; da Italia, 530 por 13,8 litros. *Feijão* — em Lisboa: preço por 14 litros: branco, 720; vermelho, 980 réis; amarelo 920 réis; manteiga, 800 réis; manteiga da ilha, 1$250; frade, 650; apatalado, 820; preto, 700; mistura, 560. Para exportação, por kilog.: branco, 88 réis; vermelho, 98; mulato, 53; frade, 1.ª, a 80, 2.ª, a 77; preto, 70; *Grão*—em Lisboa, por 14 litros: 1$000; grado, 1$250. Para exportação, por kilog,: 1.ª, a 120; 2.ª, a 110; 3.ª, a 84. *Ervilhaca*—preço por 20 litros, 500 réis. *Tremoço*—idem, 460.

Assucar: preços por 1 kilog.: n.º 1, 270; n.º 2, 260; n.º 3, 250; n.º 4, 245; n.º 5, 240; granulado: 1.ª, 270; 2.ª, 265. Pilé torrão, 270; quadrados, 300; Mascavado, cana, 225 réis.

Bacalhau: preços por 15 kilog., Sueco, 1.ª, 2$800; dito pequeno, 2$700.

Batata: por 15 kilog., 320 réis.

Cebola: por cada carrada de 750 kilog., 12$000; por 15 kilog., 240 réis.

Alhos: por 15 kilog. 1$500.

Vinhos: por 17 litros, cativos de direitos: Tinto: Algarve, 700; Santarem, 700; Cartaxo e Almeirim, 750; Torres Vedras, 750; Abafados: 17 graus, 2$000; Bastardinho, 2$5; Branco, Algarve, 750; Santarem, 800; Cartaxo e Almeirim, 850; Torres Vedras, 700, Salvaterra, 900.

Por 20 litros: de Azeitão, tinto, 900 réis; branco 1$050; de Alemquer, tinto, 800 réis.

Vinagres: por 17 litros: tinto e branco, 750 a 900 réis.

Azeites: por 10 kilog.: portuguez: de 1.ª qualidade (1 a 3 graus de acidez), 3$600 a 3$800 e de 2.ª (4 oumais graus de acidez), 3$200 a 3$400 réis.

Preços no Mercado Central—por quantidades superiores a 10 kilogramas: até 1,5° 350 réis, por kilo; de 1,5° a 3,5°, 330 réis; para quantidades de casco para cima, por kilo: até 1,5.° 330; de 1,5.° a 3,5, 315 a 320 de 3,5 a 5.°, 310.

Alcool, aguardentes e licôres: Alcool vinico, 40°, 700 cada litro; dito agricola 40°, 700.

Aguardente: de vinho, prova, 30°, 650 cada litro; sem direitos: 20° a 150 o litro; 30° a 200. Preços por 17 litros: bagaceiras, 5$000 a 8$000; cana do Brazil-Paraty, 11$500; Pernambuco, 10$000; cana de Cabo Verde, 12$000; aniz, 6$400 a 9$500; aguardente de Evora, 6$400 a 7$4.

Genebra: por litro, 380 a 780; cognacs: preços por litro: marcas diferentes, 600 a 1$050; Moscatel, 900; rhum, 700 a 900; licores: de frutos, 5$400 por 17 litros. cremes 700 por litro; cristalisados: aniz, 800: rhum, 800.

Xaropes: por litro: orchata, framboesa e grenadine, 640; groselha, salsaparrilha, laranja, limão, morango e goma, 540; capilé, 1.ª, 540, 2.ª, 440 réis.

Ovos: o conto de 20 duzias: agua acima, 4$800; saloios, 5$200: refugo. 4$400.

O PETROLEO

Na Trindade (Antilha inglêsa)

Os campos de oleo de petroleo em Guayaguayare estão situados no canto sudeste desta Antilha. Em automovel, pode chegar-se a este local, em seis horas, partindo do Porto de Espanha. Encontram-se aí tres casas construidas especialmente para o Estado Maior, e adequadas para a defeza contra os mosquitos.

Um *trolley-car* vae ao sertão, logar principal da operação, distando cêrca de milha e meia da praia. As habitações dos operarios e os armazens de abastecimentos estão colocados aqui. Os *derricks* vêem-se dos diversos poços que teem sido furados em diferentes ocasiões. Agora procura-se aprofundar os numeros 11 e 13. Durante os proximos dias furar-se-ha o n.º 14.

Os tanques para armazenagem estão em via de construção e cedo se colocará uma linha de canalisação, saindo das obras á praia, onde se edificará um caes e se estenderá esta linha agua dentro até uma certa profundidade. Os trabalhadores são em numero de 250 a 260 homens.

Geralmente falando, foi encontrado oleo de petroleo em profundidades relativamente baixas. Teem sido concedidas 32 licenças para procurar o oleo numa area de 42:000 *acres* e muitas delas foram tomadas por companhias responsaveis. No caso de um impetrante de licença dar garantia suficiente de se achar habilitado á exploração imediata, o Governo conceder-lh'a-ha especial para a busca em areas de entre 500 *acres* e 2:500 *acres*.

ALEMANHA

A produção de vinho em 1909

Do *Vierleljahrshefte zur Statistik Reichs*, fasciculo I, de 1910, extraímos o seguinte:

A superficie cultivada de vinha, em 1909, foi de 114:737 hectares, inferiores em 2:031 á de 1908 que havia sido de 116:768 (diferença para menos em hectolitros 1.115:333), com um rendimento de 17,6 hectolitros por hectare contra 26,9 no ano antecedente. A ultima vindima não foi, pois, melhor que as precedentes e o seu rendimento foi inferior ao da media de 1902-1908, que fôra de hectolitros 25,8.

O valor da produção, no seu conjunto, foi de 73.171:594 marcos, ou sejam 638 por hectare, ao passo que, no ano precedente, fôra de 126.810:745 ou 1:086 marcos por hectare.

Classificando o vinho, segundo a côr, teremos os dados seguintes: 87:094 hectares forneceram, hectolitros 1.549:613 de vinho branco com o valor de 57.690;258 marcos; 16.265 produziram 302:876 hectolitros de vinho tinto com o valor de 10.005:633 marcos e 11:378 hectares deram 168:131 hectolitros de vinho clarete com o valor de marcos 5.475:703.

Convem, porem, notar que nestes algarismos se não conteem as uvas de meza.

Producção, consumo e rendimento fiscal dos espirituosos em 1909

No exercicio de 1908-1909, isto é, de 1 de outubro de 1908 a 30 de setembro de 1909 existiam na Alemanha 91:132 distilações (no ano precedente eram apenas 90:189) das quais, em atividade, 73:970 contra 66:745 no exercicio precedente.

As distilações em atividade podem ser assim classificadas: 12:998 distilações agricolas, das quais 6:404 trabalharam batata e 6:594 cereais; 819 distilações industriais empregaram: 26, batata; 730, cereais, 27, melaços e 36, outras substancias; 60:970 pagaram imposto pela materia prima laborada e destas 973, distilaram vinho; 225, borra de cerveja e 59:772, outras substancias.

A produção total de alcool foi de 4.255:121 hectolitros contra 4.018:311 no exercicio precedente, ou seja, pois, um aumento de 236:810.

Aguardente

A grande produção de aguardente, neste ultimo exercicio, é atribuida, especialmente, á boa colheita de batatas de 1908; de facto, para o aumento do fabrico de alcool, contribuiram com a maior parte, as distilações agricolas de batata e com pequena quantidade as de cereais.

Os preços da batata, relativamente baixos, tornaram por um lado, mais remuneradora a distilação que a venda, e, por outro, possivel, nas provincias orientais, a aquisição da materia prima no estrangeiro (Polonia russa)

Alem disto ainda, a modificação da lei sobre o imposto da aguardente trouxe um estimulo ao desenvolvimento do fabrico, pois que muitos distiladores esperavam, no futuro, obter vantagens especiais.

A extração de alcool de vinho ficou neste ano em 6:420 hectolitros. Para este facto contribuiu não só a vindima mais favoravel da Alemanha, em relação ao ano precedente, mas ainda a maior laboração de vinho estrangeiro mais rico em alcool.

Uma parte da aguardente produzida ficou isenta de imposto, já por ter sido incompleta ou completamente adulterada, já por outros motivos, tais como o ser destinada a hospitais, á clina obstectricia, a institutos scientificos, a institutos technicos militares, etc.

A desnaturação, segundo os regulamentos, é completa quando feita com desnaturantes comuns ou com mistura de benzina; é incompleta nos outros casos.

A quantidade isenta de imposto, em 1908-1909, foi de 992:745 hectolitros completamente desnaturada, isto é, 946:526 pelos meios ordinarios e 46:219 com mistura de benzina; 459:257 incompletamente desnaturada (dos quais, para venda, 18:433 com 5 litros de alcool methylico e 838 com meio litro de terebinthina), e 28:045 não desnaturados, por serem destinados aos hospitais, á clinica obstectricia (4:489); aos institutos scientificos (2:101); aos institutos technicos militares (1:016); ao fabrico de polvora e de fulminato de mercurio (20:439); ao todo 1.480:047 hectolitros.

As substancias especiais empregadas na desnaturação incompleta foram: o vinagre em 170:929 hectolitros, o alcool metilico em 21:474, a pyridina (0¹,5 por hectolitro) em 385, solução de laca (20 litros por hectolitro) em 1:302, canfora (1 kilograma por hectolitro) em 12:772, terebinthina (1\|2 litro por hectolitro) em 55:484, benzina (1\|2 litro por hectolitro) em 27:558, benzina (1 litro por hectolitro) em 23:115, ether sulfurico (1\|2 litro por hectolitro) em 20:852, gordura animal (0¹,025 por hectolitro) em 120:518, chloroformio (300 gramas por hectolitro) em 197, iodoformio (200 gramas por hectolitro) em 205, brometo d'ethyl (300 gramas por hectolitro) em 200, alcool methylico (2 litros) com benzina (2 litros por hectolitro) em 18, alcool methylico puro (1 litro) com benzina (1 litro por hectolitro) em 65, oleo de ricino (4 kilogramas) e lexivia de soda (400 gramas por hectolitro) em 2:720, benzina (5 litros por hectolitro) em 1:310 hectolitros de alcool puro.

REPUBLICA ARGENTINA

O seu comercio exterior em 1911

O comercio exterior da Republica Argentina em 1911 elevou-se á soma de 691.508:424 piastras, ouro, o que representa uma diminuição de 33 milhões e 288:487 piastras sobre as cifras do ano de 1910.

As importações acusam um total de 366.818:686 piastras, ouro, sobre 1910. Quanto ás exportações, elas foram de 324.697:538 piastras, menos 47.928:717 piastras que no ano precedente. A balança comercial do ano de 1911 acusa, pois, uma soma de piastras de 42.113:148 contra a economia argentina.

Os principais aumentos nas importações deram-se principalmente nos produtos alimentares (oleos e gorduras) tintas, vernizes, madeiras e artigos em madeira, papel e manufaturas de papel, coiro e suas manifaturas, materiais de locumoção, pedras, cristais, artigos de ceramica e produtos para construção.

A diminuição deu-se sobre os animais vivos, tabaco, bebidas, materiais textis, ferro e seus derivados.

Na exportação os aumentos deram-se principalmente nos produtos da creação de gado, florestais, caça e pesca. A unica diminuição importante é a proveniente dos produtos agricolas. A estiagem de 1911, foi prejudicial, ocasionan-

Pela Cidade e pelo Distrito

AVEIRO

Deputado Joaquim Brandão

Tem estado em Aveiro o ilustre deputado por Setubal sr. Joaquim Brandão.

Sua ex.ª veio sindicar a sociedade do Teatro Aveirense, por parte da Fiscalisação das Sociedades Anonimas.

Visitou a Barra, Costa Nova, S. Jacinto e outros pontos dos nossos arredores que muito apreciou.

Na redacção d'*A Liberdade* tomou ainda sua ex.ª conhecimento com alguns cavalheiros desta cidade, entre os quais deixou muitas simpatias.

CONSORCIO

Realisou-se, segunda-feira, o casamento da sr.ª D. Maria da Soledade de Vilhena Pereira da Cruz, estremosa filha da sr.ª D. Maria do Amparo Pereira da Cruz e do sr. dr. Manoel Pereira da Cruz, com o sr. dr. Henrique da Rocha Pinto, conservador do registo civil em Setubal.

A sr.ª D. Maria da Soledade Pereira da Cruz, é uma senhora extremamente prendada e da mais fina educação que por certo contribuirá para a felicidade do seu marido que é tambem um excelente caracter e um artista de incontestavel merecimento.

Ao acto civil assistiu um grande numero de pessoas da familia dos noivos, bem como o sr. Joaquim Brandão, amigo intimo do dr. Henrique da Rocha Pinto e que se encontrava em Aveiro no desempenho dos seus deveres profissionais.

Em seguida ao copo de agua oferecido pelos pais da noiva a todos os convidados, retiraram os noivos para Setubal no comboio das 11 horas.

Ao dr. Henrique da Rocha Pinto, a quem nos ligam velhas relações de amisade, e a sua ex.ma Esposa, por quem temos a maxima consideração, as nossas cordeais felicitações.

AO SR. GOVERNADOR CIVIL

Dizem-nos que faz parte do juri dos exames de instrução primaria que se estão realisando nesta cidade, o professor da escola da Costa de Valade, que por esse facto tem abandonada a farmacia que possue naquela localidade, aviando a esposa as receitas que ali são entregues, sem que para isso possua as necessarias habilitações.

Com vista ao sr. Governador Civil.

Professor Castro Maia

Foi transferido para a escola da Arrifana (Feira), a seu pedido, este nosso amigo e valioso colaborador que ha poucos dias se despediu de nós.

Castro Maia continuará a honrar dentro em breve a *Liberdade* com os seus artigos, sempre apreciados.

Padre Lourenço da Silva Salgueiro

Este nosso querido amigo recebeu no dia 3 p. p. inumeros telegramas de felicitações por motivo do seu aniversario natalicio. Entre eles houve um de alguns ex-asilados, atualmente residentes no Rio de Janeiro, que bastante o penhorou.

E' realmente justa a estima que os asilados teem pelo seu director, que é um espirito esclarecido e um educador de incontestavel merecimento.

EXCURSÃO

Os alunos da Escola Industrial de Leiria em numero aproximado de 40, vieram no domingo a Aveiro em companhia do seu director o sr. Ernesto Korrodi, demorando-se aqui até terça-feira de manhã. Os excursionistas eram aguardados na estação do caminho de ferro pelos srs. dr. Alvaro de Moura, Silva Matos, Silva Rocha e por alguns academicos bem como pela banda do asilo-escola. Vieram depois acompanhados pela referida banda até ao hotel Central onde ficaram alojados. No dia seguinte visitaram a Camara, Muzeu, a Vista-Alegre, etc., constando-nos que ficaram muito agradavelmente impressionados com o que viram.

O sr. Korrodi foi aqui muito cumprimentado por um grande numero de amigos.

Vagos

Do nosso amigo sr. Antonio de Brito Pereira de Rezende, de Sôza, recebemos a carta que segue:

Sr. Director da Liberdade

Muito me obriga fazendo publicar no seu jornal as seguintes linhas:

Tendo-se fundado, em Vagos, um Centro Escolar Republicano sob a presidencia do ex.mo administrador deste concelho, segundo dizem, honorario—eu nunca lá fui e por tal sirvo-me das informações que tenho—consenti em ser socio pagante *para sustentação da escola. Nada mais.*

Deste facto resultou, segundo tambem me consta, assegurar-se que eu pertenço a uma politica a que chamam — dos padres, *por terem naquele Centro manifestado a sua simpatia a determinado grupo politico. Não tenho que me justificar, mas quero sempre declarar que a atoarda é falsa; não pertenço a nenhum agrupamento ou partido politico. Sou o que sempre fui: independente, retintamente republicano, mas sem compromissos politicos com quem quer que seja. A minha politica consiste no bem da Patria, no engrandecimento da Republica e no progresso moral e material do meu concelho e da minha freguezia em particular.*

Sôza, 6 de agosto de 1912.

Antonio de Brito Pereira de Rezende.

Exames do 1.º grau em Ilhavo

Sexo feminino: 12 alunas, leccionadas pela professora D. Julia de Oliveira Pinto, obtendo todas a classificação de—optimamente:

Amancia da Piedade Nuues, Ascenção Pereira da Bela, Beatriz dos Santos Malaquias, Irene Pinto Rigueira, Laurentina d'Oliveira Santos, Maria Carrancha Simões, Maria da Conceição Matias, Maria Fernandes Biu, Maria Nunes d'Oliveira, Nazaret Gonçalves Sarrico, Olivia Rocha da Silva Peixe e Silvina Ramalheira Valente.

2.ª escola do sexo masculino: 24 alunos leccionados pelo professor Manuel dos Santos Silva Vergas Junior, obtendo a classificação de optimamente:

Angelo Simões, Amadeu da Silva Peixe, João dos S. Labrincha, João Fernandes Pereira, João Gonçalves Vilão, Joaquim Cardoso Pereira, Joaquim dos Santos Agostinho, José C. Ferreira Jorge, José Francisco Carrapichano, José Pereira da Bela, Manuel Fernandes Borralho, Manuel Gonçalves Viana, Manuel dos Santos Labrincha, Manuel Pedro dos Santos e Manuel Simões. Com a classificação de bom: Antonio Fernandes Matias, Arnaldo Batista Russo, Adolfo Simões Paião, Eduardo da Graça Cruz, Henrique da Silva, João Carlos Gomes, Palmiro da Silva Peixe, Leopoldo Ribeiro, Arlindo d'Oliveira Ramalheira. Tambem fez exame do 1.º grau, desta escola, ficando optimamente a menina Maria da Conceição Eonseca, filha do professor José Nunes da Fonseca.

Escola mixta do Corgo Comum: 5 alunas leccionadas pela professora D. Elisa d'Anunciação, obtendo 3 a classificação de optimamente e 2 a de bom.

Escola do sexo feminino de Vale d'Ilhavo: 2 alunas leccionadas pela professora D. Emilia Borges d'Almeida Razoilo, obtendo ambas a classificação de optimamente.

Taxas para emissão de Vales

Na corrente semana vigoram as seguintes taxas para a emissão e conversão de vales do correio internacionais: franco, 190 réis; marco, 242; corôa, 205; e esterlino, 48 11|32.

Quanto ganham os redactores dos jornais inglêses

O *Times* dá ao seu redactor em chefe o ordenado anual de 38 contos de réis, ou seja mais 13 contos do que percebe o primeiro ministro inglês.

O *Daily News* pagou, em tempos, a Carlos Dikens, pela direcção do seu periodico, 9 contos de réis anuais.

O *Lloyds Wekly* pagava ao seu chefe redactorial, 4:500$000 réis por ano.

O *Pall Mall Gazette* tambem pagava ao seu director, 3:800$000 rs. por ano.

Os redactores dos jornais da noite, de Londres, ganham, em geral, dois contos e duzentos e cincoenta mil réis; nas capitais da provincia esses ordenados regulam de quatro contos a quatro contos e quinhentos mil réis, e na India inglêsa orçam por dez contos de réis.

UMA FESTA REPUBLICANA

Em Ois da Ribeira (Agueda) comemora-se o 1.º aniversario da fundação do Centro Republicano

A recepção.--O comicio.

Falam o dr. Eugenio Ribeiro e Celestino Neto, os deputados Marques da Costa e Alberto Souto e o dr. João Sucena

Realisou-se no domingo ultimo uma bela festa republicana em Ois da Ribeira, comemorando o aniversario da fundação do Centro daquela freguezia.

São dedicados, valorosos, intemeratos como poucos os republicanos de Ois, constituindo um dos mais destemidos grupos de propaganda e resistencia do concelho de Agueda.

Ois da Ribeira, então, é uma aldeiasinha alegre, viva e cantante, cercada de verduras, á beira do rio, nas margens dessa deliciosa lagoa de Portugal que se chama a Pateira de Fermentelos.

Ninho de ave escondido nos salgueirais, nenufar aberto sobre as aguas mansas, rumorejantes, Ois da Ribeira é um dos mais poeticos e deliciosos cantos desta terra portuguêsa!

* * *

Eis como o nosso solicito correspondente daquela freguezia descreve a festa dos nossos simpaticos correligionarios dali, no ultimo domingo:

Ois da Ribeira, 4

Houve hoje aqui uma imponente festa promovida pelo Centro Republicano, comemorando o 1.º aniversario da sua fundação.

Pelas 17 horas foi aberto o comicio publico em que falaram varios oradores.

Grande quantidade de povo de varias localidades do nosso distrito veio assistir ás festas republicanas.

Agueda, Recardães, Espinhel, O. do Bairro, Piedade, Silveiro, Mourisca, Mamodeiro, Fermentelos, Aguada de Baixo, Anadia, Fogueira, Estarreja, Angeja, Borralha e ainda muitas outras terras, estavam dignamente representadas.

Seria fastidioso inumerar os nomes de todas as pessoas conhecidas que lá se encontraram e que sem receio de errarmos podemos dizer serem mais de mil, o que representa para a nossa pequenina freguezia uma enorme massa de povo.

O povo desta freguezia não poude tambem tornar-se insensivel perante uma festa tão significativa.

Algumas excepções houve, aliás bastante penhorantes e honrosas para os republicanos daqui: **a talassaria fugiu toda!**

Apenas *eles* faltaram a esta festa; de resto, todo o povo compareceu. Mais uma vez o povo d'Ois mostrou pela Republica a sua inabalavel dedicação.

Vamos dizer, resumidamente, o que se passou durante

O COMICIO

Seriam 17,5 horas quando o nosso amigo sr. dr. Eugenio Ribeiro, declara aberto o comicio, sendo escolhidos para secretariar, os srs. Francisco d'Almeida Eça, presidente do Centro Republicano de Estarreja e Diamantino Francisco da Silva, mui digno presidente do nosso Centro.

O largo do Cruzeiro onde se realisuo o comicio e as ruas que aì desembocavam estavam ornamentadas com festões de verdura e flôres o que dava uma nota alegre áquele local.

Num recinto junto do tablado onde deviam falar os oradores, encontravam-se muitas das gentís damas de Recardães, Cabanões e Agueda, que imprimiam uma nota garrida e alegre naquela mole de povo que ancioso esperava ouvir os oradores.

Pelo sr. presidente é dada a palavra ao nosso ex-condiscipulo sr.

Celestino Neto

Demonstrou com muita inteligencia que nenhum antagonismo existe entre a religião catolica e a Republica. Por vezes o seu belo discurso foi entrecortado por salvas de palmas. Produziu um discurso belo, atraente e ornamentado por um estilo burilado. Foi muito cumprimentado.

Falou depois o sr. dr.

João Sucena

distinto advogado, que a seguir a uma preleção que despertou a atenção da assembleia, repeliu com energia a calunia que um pensionista do estado lhe levantou, dizendo que tinha, quando ha tempos discursou no nosso Centro, atacado o ex-paroco de esta freguezia.

Publicamente, bem alto, e perante mais de mil pessoas, repeliu com denôdo essa vil calunia.

Segue-se-lhe o sr. dr.

Marques da Costa

que produziu um bom discurso, despertando por varias vezes hilaridade pela maneira ironica como encarou a ultima incursão couceirista. Com vivacidade atacou aqueles que a dentro dos muros de Portugal atacam a Republica, explicando varias leis do novo regimen.

Falou depois o sr.

Alberto Souto

Nota-se um enorme movimento na multidão; todos queriam ouvir, todos queriam estar mais perto. Depois dum breve preambulo, dissertou sobre as heranças que á Republica legou o extinto regimen: as finanças desiquilibradas, a nação sem exercito e sem armada, a divida publica pavorosa, o herario publico exausto, conduzindo a passos agigantados a nação para a bancarrôta; as contribuições pesadas e o povo analfabeto.

Demonstrou depois, rapidamente, que na Republica se trabalha com afan para redimir a nossa Patria decaída e tornarmo-nos felizes, respeitados e grandes como outr'ora.

Tem a convicção plena de que se ha-de realisar, como em parte já se está realisando, essa sua Esperança.

Falou tambem da atitude da nação visinha, da ultima incursão couceirista, dos bandidos que tentam cá dentro aniquilar a nossa Patria, dinamitando pontes, tuneis, promovendo o nosso descredito no estrangeiro com pretendidas revoluções e arrastando o povo a assassinar os funcionarios da Repubiica, com o pretexto de que ela ataca a religião

Lamentou muito o orador a auzencia de alguns habitantes de Ois, que digamos a verdade, deveriam ter assistido a esta lição de moral e patriotismo. O orador tendo falado muito estava bastante extenuado quando terminou o seu discurso, durante o qual por muitas vezes foi interrompido por delirantes salvas de palmas. Ao terminar, um grupo de gentis damas de Recardães e Cabanões, cobriu-o de flores, sendo muito cumprimentado pelos seus amigos.

Tendo falado todos os oradores inscritos leu o sr. dr. Eugenio Ribeiro, telegramas de felicitações ao povo de Ois, dos srs. drs. Afonso Costa e Manuel Alegre, propondo que lhes fossem enviados outros agradecendo e afirmando-lhes a arreigada fé do povo de Ois pela Republica. Foram aprovados por unanimidade estes telegramas, com uma estrondosa salva de palmas, soltando-se calorosos vivas ao dr. Afonso Costa e deputado Manuel Alegre.

Em seguida os oradores, alguns visitantes e as damas presentes, foram convidados a assistir ao copo dagua oferecido pela comissão promotora dos festejos, o qual decorreu no meio da maior animação, tendo-se trocado diversos brindes em que falaram os professores oficiais de Mamodeiro, Agueda. Travassô, o presidente do Centro de Ois, drs. Eugenio Ribeiro, dr. Marques da Costa, dr. João Sucena e Alberto Souto que produziram ainda vibrantes discursos, calorosamente vitoriados.

Terminado o copo dagua dirigiram-se os visitantes de Agueda, Aveiro, e Aguada para Cabanões, seguindo alguns em automoveis, os de Agueda em comboio e os de Estarreja e Aveiro em carros para as suas terras.

A' despedida no apeadeiro de Cabanões, até onde foram acompanhados pela direcção do Centro e por muito povo, foram soltados vivas á Republica, a Afonso Costa, aos deputados do circulo Alberto Souto, drs. Manuel Alegre, Marques da Costa, ao administrador do concelho dr. Eugenio Ribeiro e outros que foram delirantemente correspondidos pelo povo de Ois.

Em frente ao Centro a musica de S. João de Loure, sob a habil regencia do sr. João Marques de Lemos, executou varias peças do seu reportorio, dançando as senhoras que ainda tinham ficado em Ois, animadamente, durante algum tempo.

Houve á noite bailes ao ar livre que decorreram animadissimos.

—†—

Estiveram tambem em Ois os nossos correligionarios de Estarreja srs. Francisco de Almeida de Eça, Antonio de Matos, Francisco Côrte Real e Filipe de Albergaria.

—†—

No final do comicio os oradores e os nossos amigos de Estarreja demoraram-se alguns minutos em casa do nosso correligionario e amigo, de Cabanões, sr. Jaime Marques, onde por este senhor e seu Pae foram muito obsequiados.

ANIDA O COMICIO DE Ois da Ribeira

Com a assistencia de centenares de pessoas realisou-se o celebre comicio em Ois da Ribeira onde mais uma vez falaram os dignos deputados, srs. Alberto Souto, Marques da Costa e os drs. João Sucena, Eugenio Ribeiro e o industrial Celestino Neto.

Esta festa sempre digna pelo denodo com que os republicanos de Ois da Ribeira se empenharam pela causa sacrosanta da Republica Portuguêsa, levaram-nos a não olhar a sacrificios e trabalhos inaugurando no dia 4 com uma assistencia digna de nota o seu primeiro Centro Republicano Democratico.

Duzias de foguetes foram por ocasião da chegada dos mui dignos deputados republicanos lançadas ao ar tocando ao mesmo tempo a filarmonica de S. Joãode Loure a *Portugueza* no meio de estrepitosos vivas á Patria, á Republica, a Afonso Costa ao Livre Pensamento, etc., etc.

No largo recinto do Pelourinho já se apertava toda aquela mole de gente na ancia de melhor escutarem a palavra quente dos oradores.

Presidindo á meza o mui digno administrador de Agueda dr. Eugenio Ribeiro dá em primeiro logar a palavra a Celestino Neto que começa por afirmar que em 9 anos de enclausuramento no Seminario de Coimbra teve ocasião de conhecer quantas esperanças se desvaneceram e quantas ilusões se perderam.

Diz que nenhum antagonismo existe entre Republica e Religião visto que aquela garante a plena liberdade de pensamento; pode-se no seio da Republica conhecer todas as religiões, pode-se abraçar desde o catolicismo até ao ateismo pode-se emfim ir até o pensamento voar, descobrir horisontes ignotos que a Republica tudo respeitará, abraçando todas as novas ideias e chamando a todos seus filhos.

Em todos os dogmas da religião catolica nunca viu nenhum onde se ensinasse a fabricar a dinamite assim como nunca soube como era que se destruiam tuneis.

Foi muito aplaudido.

Segue-se no uso da palavra o dr. Marques da Costa que começa por explicar que a unica defeza da Patria se havia de entregar a Paiva Couceiro, pois que um figurão desta força de braços dados contudo quanto ha de mais vil no reaccionarismo poderia ir muito longe e a prova é que na reaccionaria Espanha é um *sempre andar*. Ensina as principais leis do Governo Provisorio que só por si se impõem ao mundo culto a saber: Lei do Divorcio, Serviço militar obrigatorio e Separação da Egreja e do Estado.

Segue-se o deputado por este circulo, sr. Alberto Souto que foi recebido por uma estrondosa salva de palmas. Começa por agradecer a receção que lhe fizeram divagando em seguida num repto de eloquencia contra os bandidos da Patria que á maneira de morcêgos se metem nas tocas e pergunta por que motivo fugiram os talassas daquela terra pois que vinham ali em missão de propaganda ensinar a Verdade e não armados de dinamite e varapaus.

Diz que o progresso da Republica Portugueza ofusca o Governo de Canalejas tramando na sombra de braço dado com o reaccionarismo lusitano contra a Patria Portuguêsa. A extinta monarquia deixou-nos o tesouro exausto, o exercito sem meios de defeza e a marinha sem navios de guerra. A Republica tem trabalhado empregando o melhor do seu tempo estudando estes serios problemas, para que dentro em pouco o que hoje não passa duma esperança fagueira se converta em realidade.

Teremos um exercito numeroso e aguerrido, uma marinha que se imponha ao respeito das melhores nações, meios estes indispensaveis sem os quais nunca nos faremos respeitar lá fóra. Recomenda a maxima união entre os republicanos para que unidos formem uma falange invencivel contra os inimigos da Patria e da Republica.

Foi muito aplaudido.

Após o comicio foi servido a toda a assistencia um dilicioso copo dagua que decorreu animadissimo trocando-se brindes mui afectuosos.

Aos dirigentes e promotores do comicio bem como aos representantes do Centro Republicano Democratico' as nossas mais sinceras saudações e a mais feliz das prosperidades.

Mourisca, 5 de agosto de 1912.

José Rocha.

"A Liberdade,,

Serviço da administração

Estando-se a proceder á cobrança das assinaturas do 3.º semestre deste jornal, a administração pede a todos os srs. assinantes e anunciantes a fineza de a avizarem da menor irregularidade que encontrem nas suas contas e de apresentarem as suas reclamações contra qualquer falta ou equivoco que se dê neste serviço.

Tendo nós o maximo escrupulo em todas as contas e em toda a escrituração dependente da administração da *Liberdade*, ser-nos-ía imensamente desagradavel prejudicar os cidadãos que nos honram com os seus anuncios e assinaturas.

=†=

As assinaturas do Brazil e Africa, pela dificuldade da sua cobrança, deverão ser pagas com antecipação. A todos os que nos enviaram já a importancia das suas assinaturas, os nossos agradecimentos.

A administração.

Oliveira de Azemeis

Pinheiro da Bemposta, 4

(RETARDADA)

Uma sucia . . .

Agora, como quando chegaram aqui os ecos da revolução de 5 d'outubro, o terror invadiu o arraial dos «partidarios da monarquia dos adeantamentos». A incursão dessa horda de selvagens sem Patria e sem lar, sem honra e sem vergonha, sem brio e sem sentimentos que os trazia tão satisfeitos, provocadores até, deixou-os num estado que metia dó logo que souberam da formidavel derrota de tão infimas creaturas. Não tardarão a deitar as garras de fóra logo que passe a tempestade e que, agora, encolheram com mêdo.

Por aqui percebia-se que sabiam da incursão. Na vespera que ela se deu não faltaram bailaricos e é provavel que tivessem preparada já a vitela para o grande banquete e a correspondente pinga. Para nós a sua tristeza dá-nos alegria; para nós essa ilusão perdida vinga-nos melhor que qualquer outra sentença; para nós esse desmoronar de esperanças rapáces delicia-nos.

Como vêem, não temos instintos sanguinarios. Com pouco nos satisfazemos. No programa dos *paivantes* —de toda a parte—entrava como indispensavel, a morte de todos os republicanos. Nós não passariamos sem a cabeça degolada e se assim não sucedesse, a vingança não tardaria porque ela viria de qualquer forma. Não obstante nós, os vencedores, hoje como ontem quando da implantação, não lhes fizemos mal nenhum. A nossa vingança, como viemos de dizer, é tão somente a de os vêr com mais esta ilusão perdida depois de tanto trabalho dispendido porque não nos repugna aceitar a ideia de que já tinham preparado o *Te-Deum* em acção de graças pela victoria dos *paivantes*. Viu-se que Deus, desta vez, estava a dormir não acordando para acudir a um empregado publico *cá do burgo* que, ha já tempo, vendo que os tempos agora não lhe corriam favoraveis como no tempo do antigo regimen, disse que Deus não dormia. Pensava, pois, o figurão que com Deus acordado faria degradar os republicanos da freguezia, pelo menos.

Se Deus assim continua a dormir, não se importando nada com o *creaturo*, aconselhamo-lo a que não tente acorda-lo.—**X.**

"A Liberdade,, é o jornal mais completo e de maior tiragem da provincia portuguêsa. 6 paginas. Variedade de artigos e informações. Numeros de 8 paginas. Suplementos especiais. A sua assinatura custa apenas 700 réis por semestre.

UMA QUESTÃO DE MORALIDADE

Do nosso colega *Bairrada Livre*, de Anadia, transcrevemos o trecho que segue:

No passado domingo realisou-se na sala do *Centro Escolar Democratico* uma reunião das comissões municipal e paroquiais administrativas, com o fim de protestarem contra a nomeação do ex-director da Escola Agricola desta vila para o logar de membro da comissão de avaliação da propriedade rústica e urbana.

. . . . . .

Presidiu á sessão o sr. dr. Antonio de Oliveira, que escolheu para secretarios os srs. José Rodrigues da Conceição e o director deste jornal.

Aberta a sessão, diversos cidadãos usaram da palavra, sendo por ultimo aprovado por aclamação que fosse a Lisboa uma comissão delegada das corporações ali reunidas, entregar ao respectivo ministro, uma representação expondo as razões do protesto e pedindo a anulação do despacho. E logo foram eleitos para constituir essa comissão, os srs. dr. Julio Sampaio Duarte, presidente da comissão municipal politica; Bernardo Morais, membro da camara municipal, que vai representar esta colectividade; Franklim Duarte e o director deste jornal.

A comissão municipal politica reune ámanhã a fim de tratar do assunto.

Acompanhamos no seu protesto os republicanos de Anadia, esperando que o sr. ministro das finanças remedeie o erro que se praticou nomeando o sr. Navarro Lobo para membro da comissão avaliadora dos predios rústicos e urbanos.

O sr. Navarro Lobo, sob quem pesam as mais graves acusações, não póde, com efeito, receber da Republica a menor benesse. Tendo sido sempre absolutamente intransigentes em questões de moralidade, intransigentes nos manteremos nesta questão que muito importa ao bom nome do regimen.

O sr. Lobo foi demitido do logar de director da Escola de Fomento Agricola de Anadia pelo Governo Provisorio da Republica. Antes disso, porém, e ainda no tempo da monarquia, foi-lhe feita uma sindicancia, tendo-se provado, segundo nos informam, que o sr. Lobo praticou as maiores irregularidades no exercicio do seu cargo. Mas o sr. Lobo não foi só um mau funcionario; foi tambem um feroz inimigo da Republica. Tanto bastava, se outras razões não houvesse, para que, com justiça, os republicanos impedissem que ele exercesse um logar de confiança como aquele para que foi ha pouco nomeado.

O sr. ministro das finanças que é um homem consciencioso e recto, atenderá, por certo, como já dissémos, as justas reclamações dos republicanos de Anadia.

No proximo numero "A Liberdade,, publicará

A semana piscatoria e maritima

dirigida por um dos mais ilustres oficiais da nossa armada, seguindo-se-lhe

A semana desportiva

sob a direcção do distinto sportman sr. Mario Duarte.

A CÓCA

Em audiencia de policia correcional, foram julgados na passada segunda-feira, no tribunal desta comarca, Vicente Dias dos Santos e Maria Fernandes dos Reis, ambos de Requeixo, acusados de terem usado da cóca, sendo ambos absolvidos, o que contentou uns e descontentou outros, como é da praxe.

Não podemos dizer se a acusação era falsa ou verdadeira, e nem isso importa para o fim que temos em vista, que é o de referir.

Em Requeixo, seguramente ha 12 anos, mata-se peixe por meio da cóca, e, tal uso, convertido em abuso, é manifestamente conhecido pelos empregados hidraulicos, que nunca tentaram a sério reprimir tal abuso.

Para corroborar esta asserção citaremos o seguinte importante facto para o qual chamamos a atenção dos leitores.

Haverá tres ou quatro anos que o jornal a *Vitalidade* publicou um pequeno artigo sobre o uso da cóca em Requeixo, acentuando-se nesse artigo que o uso de tal substancia era diario.

Poucos dias depois aparecem dois guardas hidraulicos em Requeixo, topando com o autor destas linhas e mais dois individuos que com ele estavam, anunciando-lhe qual o fim da sua visita matutina a Requeixo, lendo-lhes a copia do artigo citado e a ordem do seu chefe, em seguida ao que um dos meus companheiros disse com a maior expontaniedade: «ainda ontem passou no logar onde estamos (á porta da sua morada) um individuo com um saco cheio de peixe», ao que o segundo objectou: «todos os dias deitam cóca». Qual o dever dos empregados já o leitor o advinhou, restando-nos o dizer qual o procedimento dos mesmos.

—Visto isso—diz um dos guardas,—vamos ter com o Vicente Sobral para nos descobrir quem sejam os transgressores. Assim o fizeram.

Este Vicente Sobral é aleijado das pernas a ponto de só se conduzir dum para o outro lado com auxilio de muletas, mas que apezar disso se emprega na pesca por meio de armadilhas primitidas por lei, e, portanto, atendendo á sua profissão e ao seu estado fisico, era, como cremos que foi, natural a sua recusa indicando nomes, com justo receio de uma vingança, quer destruindo-lhe as armadilhas, quer sendo vitima de uma agressão pessoal para o que pode oferecer a menor resistencia.

E os dois empregados lá se foram, provavelmente assar batatas, e tudo ficou como dantes, com a diferença de que, dessa data até hoje, mais progrediu o uso de matar peixe com cóca, podendo dizer-se afoitamente que a impunidade duns arrastou outros e outros ao cometimento do mesmo delito, e assim se irá praticando se não houver por parte da autoridade a disposição inabalavel de pôr cobro a tais abusos.

Requeixo, 1 de agosto de 1912.

***

Arrematação

(1.ª publicação)

POR deliberação dos interessados, nos autos de inventario de maiores a que neste Juizo e cartorio do escrivão do quarto oficio—Flamengo—se procedem por falecimento de José de Bastos, solteiro, proprietario, que foi morador na freguezia de Esgueira, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Manuel de Bastos, casado, artista, irmão do falecido, residente na mesma freguezia, vai pela segunda vez á praça no dia vinte e cinco do corrente mez, por onze horas, á porta do Tribunal Judicial desta comarca, sito na Praça da Republica desta cidade, para ser arrematada por quem mais oferecer acima do preço em que vai á praça o seguinte predio pertencente á herança do inventariado, avaliado em seiscentos e trinta mil réis:

Uma propriedade rustica e urbana, composta de casas altas, quintal com arvores de fruto e demais pertenças, livre e alodial, sita na rua da Cruz, da freguezia de Esgueira, no valor de tresentos e dezessete mil e oitenta réis.

Toda a contribuição de registo por titulo oneroso e demais despesas da praça serão por conta do arrematante.

Pelo presente são citadas todas e quaisquer pessoas incertas que se julguem interessadas na aludida arrematação para virem deduzir os seus direitos nos termos da lei, sob pena de revelia.

Aveiro, 1 de agosto de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

Editos

(2.ª publicação)

POR este juizo, escrivão Marques, corre seus termos uma acção de investigação de paternidade ilegitima a requerimento de Maria Simões Amaro, solteira, maior, costureira, moradora na rua das Tricanas, desta cidade, a quem foi concedido o beneficio da assistencia judiciaria, como representante de sua filha menor impubere Maria Julia, contra Sergio Augusto de Barros Bacelar, solteiro, maior, empregado publico, desta cidade, em cuja acção a autora alega:

Que o reu, com quem não tem parentesco algum, a desvirginou com falsas promessas de casamento e dessas relações amorosas a autora deu á luz, em 26 de fevereiro de 1911, uma creança do sexo feminino, cujo nascimento foi registado na Conservatoria do Registo Civil desta cidade em 29 de fevereiro ultimo, recebendo a creança o nome de Maria Julia Simões Amaro; que o reu, a pessoas amigas e conhecidas, confessou ser filha dele a dita filha da autora, e é publico e notorio nesta cidade, sem voz em contrario, que a dita menor Maria Julia é filha natural e ilegitima do reu, existindo assim a posse de estado. E conclue, pedindo que a acção seja julgada procedente e provada e a filha da autora reconhecida como filha do reu, sendo este condenado nas obrigações que lhe incumbem como pae e em todas as despesas a que der causa. Nestes termos correm editos de 40 dias a contar da segunda e ultima publicação deste anuncio, citando os interessados incertos para, na 2.ª audiencia posterior ao praso dos editos, virem acusar a citação e marcar-se-lhes a terceira audiencia seguinte para contestarem, seguindo-se os mais termos.

As audiencias neste juizo fazem-se na sala do Tribunal Judicial, sito na Praça da Republica da cidade de Aveiro, pelas dez horas, em todas as segundas e quintas-feiras de cada semana, ou nos dias imediatos, sendo aqueles feriados.

Aveiro, 24 de julho de 1912.

Verifiquei:

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão,

Francisco Marques da Silva.

ANUNCIO

Serviços Florestais

ARBORISAÇÃO DAS DUNAS

FAZ-SE publico que no dia 24 do proximo mez de agosto, pelas 13 horas, na Secretaría da regencia dos referidos serviços em Aveiro, no edificio do Governo Civil e perante a comissão presidida pelo respectivo Silvicultor-chefe se receberão propostas verbais para o fornecimento de 1:500 a 1:700 carradas de mato, de 100 feixes cada uma, postos na margem da ria adjacente á sementeira das dunas da Gafanha, sendo a base de licitação de

Réis 1$050 por cada carrada

As condições e encargos da arrematação acham-se patentes na Secretaría da referida regencia, em Aveiro, e na Secretaría séde dos serviços, em Leiria, todos os dias uteis, desde as 10 ás 16 horas.

Leiria e Secretaria dos Serviços de Arborisação das Dunas, 31 de julho de 1912.

O Silvicultor-chefe,

Egberto de Magalhães Mesquita.

Editos de 30 dias

(2.ª publicação)

POR o Juizo de Direito desta comarca e cartorio do escrivão do 4.º oficio—Flamengo, nos autos do inventario orfanologico a que se procede por falecimento de Joana Nunes da Conceição, viuva de Luiz Ferreira Morgado, que foi moradora na freguezia de Ilhavo, desta comarca, e em que é inventariante e cabeça de casal Maria Nunes do Couto, casada com Francisco Ferreira Moura, residente em Cima de Vila, da mesma freguezia de Ilhavo, correm editos de trinta dias, a contar da segunda e ultima publicação deste no respectivo jornal, chamando e citando os interessados João Ferreira Moura, marido de Maria d'Oliveira Vidal, um tal Paroleiro, marido de Rosa dos Santos, João da Barbara, marido de Maria Ferreira, e Luiz da Barbara, marido de Rosa Fragata, todos ausentes em parte incerta, para assistirem a todos os termos até final do mencionado inventario e nele deduzirem os seus direitos, nos termos da lei, constituindo procurador ou escolhendo domicilio na séde da comarca, sob pena de revelia.

Pelo presente são citadas todas e quaisquer pessoas incertas que se julguem interessadas no mencionado inventario para virem deduzir os seus direitos, sob a mesma pena de revelia.

Aveiro, 22 de julho de 1912.

Verifiquei.

O Juiz de Direito,

Regalão.

O escrivão do 4.º oficio,

João Luiz Flamengo.

A COLOSSAL

=DE=

Mamodeiro

Fazendas, mercearias, meudezas, tintas, oleos e ferragens.

Grandes depositos de adubos chimicos para todas as culturas.

Arames para ramadas. Arames farpados para vedações.

Sulfato de cobre e enxofre. Cimento **Portland.**

Batata de 1.ª qualidade para sementeiras, e muitos outros artigos.

Virgilio Souto Ratola

CARRO

De quatro rodas, com capota, egua e arreio. Tudo novo. Excelente para medico. Vende-se por réis 500$000.

Informações nesta redacção.

HOTEL

EM

VALE DA MÓ

Abriu no dia 1.º de julho em Vale da Mó o *Novo Hotel União*, de que são proprietarios os srs. **Ferreira & Alegre,** que se comprometem a bem servir os seus estimados freguezes.

Os frequentadores daquela aprazivel estancia daguas ferreas encontrarão no novo hotel boa meza, quartos confortaveis e asseados e modicidade de preços.

Para pedidos de aposentos dirigir a **Ferreira & Alegre, ANADIA — Vale da Mó.**

Madeira no pinhal QUEM desejar comprar dirija-se ao Dr. Marques da Costa—SARRAZOLA.

CONTOS E ROMANCES

11) Folhetim de A LIBERDADE

ZOLA

O Fuzilado

III

Depois, prometeu voltar para o seu quarto. Ninguem saberia que ela o teria ajudado. Acabou por se abraçar nele, a beija-lo e a convence-lo, com um impeto extraordinario de paixão. Domingos estava vencido; apenas fez mais uma pergunta.

— Jura-me que seu pai sabe disto e que me aconselha a fugir?

— «Foi meu pai que mandou,— respondeu Francisca audaciosamente.

Era mentira. Naquele momento a rapariga não tinha senão a imensa necessidade de o ver em segurança, de se furtar áquela abominavel ideia de que o sol seria o sinal da sua morte. Quando ele estivesse longe, caíssem muito embora sobre ela todas as desgraças; com tanto que ele vivesse, tudo lhe pareceria suave. O egoismo da sua ternura queria-o vivo, antes de mais nada.

— Bem,—disse Domingos,—farei como deseja.

Não disseram nem mais uma palavra. Domingos foi abrir de novo a janela. De repente, porém, gelou-a um rumor. A porta buliu, pensaram que a vinham abrir. Evidentemente, alguma ronda lhes tinha ouvido as vozes. E ficaram ambos á espera, em pé, chegados um ao outro, numa indizivel angustia. A porta buliu de novo, mas não se abriu. Tiveram um suspiro abafado; acabavam de compreender, devia ser o soldado, deitado por fóra da porta, que se tinha virado. Fez-se com efeito silencio, ouviu-se de novo resonar.

Domingos quiz por força que Francisca voltasse primeiro para o seu quarto. Tomou-a nos braços, disse-lhe um silencioso adeus. Depois, ajudou-a a alcançar a escada, e suspendeu-se por sua vez. Mas teimou em não descer nem um degrau, antes de a vêr no quarto. Francisca, chegando acima, deixou caír, numa voz branda como um bafo:

— Adeus, amo-te!

Ficou debruçada, querendo seguir Domingos com os olhos. A noite continuava escura como um prego. Procurou a sentinela e não a viu, só o salgueiro fazia uma nodoa palida, no meio das trevas. Ainda um momento, ouviu o roçar do corpo de Domingos ao longo das heras. Depois, a roda rangeu, e ouve um ligeiro chapingar de agua, por onde inferiu que o noivo acabava de dar com a bateira. Passado um minuto, com efeito, distinguiu a mancha negra da bateira sobre a superficie pardacente do Morele. Então, tomou-lhe de novo a garganta uma terrivel angustia. A cada momento julgava ouvir o grito de alarme da sentinela; os menores rumores, dispersos na sombra, afiguravam-se-lhe passos precipitados de soldados, tinidos de armas, estalinhos de espingarda a engatilharem-se. Entretanto, decorriam os segundos, o campo conservava a sua paz soberana. Devia o Domingos estar atracando á outra margem. Era magestoso o silencio. E ouviu um tropel, um grito rouco, a queda surda de um corpo. Depois, o silencio fez-se mais profundo. Então, como se tivesse sentido passar a morte, ficou-se toda enregelada perante a espessa noite.

IV

Logo de madrugada, grandes gritos alvoroçaram o moinho. O tio Merlier tinha ido abrir a porta á filha. Ela desceu ao pateo, palida e muito socegada. Aí, porém, não poude reter um estremecimento, vendo o cadaver de um soldado prussiano, que estava estendido ao pé do poço, sobre uma capa.

Em volta do corpo, gesticulavam soldados, gritando em tom de furor. Muitos estendiam o punho cerrado para a aldeia. Entretanto, o oficial acabava de mandar chamar o tio Merlier, como «maire» da comuna.

— Aí tem,—disse-lhe ele com voz tomada pela colera, aí tem um dos nossos homens que se encontrou assassinado á beira do rio. Precisamos um exemplo brilhante, e conto que nos ajudará a descobrir o assassino.

— O que quizer,—respondeu o moleiro com a sua fleugma. Mas ha de ser dificil.

O oficial abaixara-se para afastar uma dobra da capa, que escondia a cara do morto. Apareceu então uma horrivel ferida. A sentinela tinha sido ferida na garganta, e a arma ficára no ferimento. Era uma faca de cosinha, de cabo preto.

— Veja esta faca,—disse o oficial ao tio Merlier,—talvez ela nos auxilie nas nossas investigações.

O velho tivera um tremor. Mas restabeleceu-se logo, respondeu, sem um movimento dos musculos do rosto:

— Toda a gente usa facas dessas, nos nossos campos . . . Talvez o seu homem andasse enfastiado de batalhas e se matasse. Já não seria a primeira vez.

— Cale-se! — clamou furiosamente o oficial. Não sei o que me retem que não lance o fogo aos quatro cantos da aldeia.

Felizmente, a colera não o deixava notar a profunda alteração do rosto de Francisca, que tivera de se assentar no banco de pedra, ao pé do poço. Involuntariamente, os seus olhares não largavam aquele cadaver, estendido no chão, quasi aos seus pés. Era um belo rapagão, parecido com o Domingos, de cabelos loiros e olhos azues. Revolvia-lhe o coração aquela similhança. Lembrava-lhe que o morto deixara talvez, lá por essas terras da Alemanha, alguma namorada que choraria por ele. E reconhecia a sua faca na garganta do morto. Era ela que o tinha assassinado.

Entretanto, o oficial falava em fulminar Rocreuse com terriveis medidas, quando alguns soldados vieram a correr. Só então acabavam de dar pela fuga do Domingos. Causou aquilo extrema agitação. O oficial foi vêr, olhou pela janela que tinha ficado aberta, compreendeu tudo, e voltou exasperado.

O tio Merlier pareceu muito contrariado com a fuga de Domingos.

— Imbecil! — murmurou ele. Deita tudo a perder!

(Continúa.)

Todos os ómens e meninos podem vestir com elegancia e perfeição pelos figurinos e moldes de Londres desde que peçam as amostras ao

Old England

Rua Augusta--**LISBOA**

Faz os fatos SEM PROVA e restitue a importancia ao cliente que não ficar satisfeito.

Peçam amostras, catálogo e jornal que são enviados gratis

Old England--Lisboa

Tem todos os artigos para ómens e meninos, desde o chapeu até ás meias.

A LIBERDADE

Jornal Republicano Democratico

AVEIRO

Diretor-ALBERTO SOUTO

Nada se publica referente á vida particular do cidadão.

Não se devolvem autografos.

Não se aceita colaboração que não seja pedida.

Não se publicam informações anonimas.

ASSINATURAS

Portugal, Espanha e Colonias Portuguezas

Ano . . . . . 1$400 réis
(Semestre, 700 réis; trimestre, 350 réis; avulso, 30 réis; ou 140, 70, 35 e 3 centavos.)

Brazil (moeda forte) outros paizes da União Postal . . . 2$500 réis
(Cobrança adeantada)

ANUNCIOS

Linha . . . . . 40 réis

Anuaes, contrato com a administração.

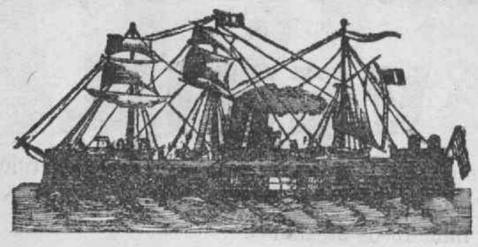
Redação e administração
AVEIRO
Praça Luiz Cipriano e R. dos Tavares-1.º andar
(abertas todos os dias das 21 ás 24 horas)

Oficinas Tipograficas
P. Luiz Cipriano e R. dos Tavares—rez do chão.
(abertas todos os dias uteis das 8 ás 19 horas)
Impressão a vapor
LARGO CAMÕES

Administrador
RUI DA CUNHA E COSTA

Hamburg Suedamerikanische Dampfschifffahrts Gesellschaft

HAMBURG-AMERIKA-LINIE



AGENTES EM LISBOA:

HENRY BURNAY & C.ª

Madeira, Pará e Manáos

Paquetes regulares duas vezes por mez nos dias 4 e 21 ou 23 de cada mez.

Maranhão, Ceará e Parnahyba

Serviço regular mensal entre 23 e 25 de cada mez.

Paranaguá, Desterro, Rio Grande do Sul, Pelotas e Porto Alegre

Saída de 2 ou 3 paquetes por mez.

N. B.—Todos estes paquetes dispõem de magnificas acomodações para passageiros de 1.ª e 3.ª classe, sendo o tratamento de primeira ordem, comida á portugueza, vinho a todas as refeições, medico, etc., etc.

Para passagens, etc., pedir informações aos agentes

Henry Burnay & C.ª

Rua dos Fanqueiros, 10—LISBOA

Telefone 172

Basse-Cour

Galinhas.--Ovos.--Coelhos.

1 casal de frangos **Langshan,** pretos, raça de grande volume e muito vistosa, por 2$500 réis.

Galinhas **Leghorn,** brancas, pretas e cinzentas. Raça de pequeno volume, muito viva e precoce, rustica e de facil creação, de grande crista, excelente poedeira.

Cada galinha, em plena postura, 1$200 réis. Frangos a 1$500 réis.

Ovos desta raça, cuidadosamente selecionada, a 100 rs. cada.

Coelhos

Angoras, brancos, com 2 mezes de edade, muito felpudos e perfeitos, a 800 réis cada.

Japanezes ou tricolores, raça muito apreciada pela sua resistencia, fecundidade e volume, com 4 mezes, a 1$200 réis cada.

Encarregado da venda:

Bernardo de Sousa Torres

AVEIRO

VENDEM-SE 3 toneis de 12 pipas cada. Quem pretender dirija-se a Luiz da Naia e Silva—**Aveiro.**

Dinheiro

Ha para compra de propriedades, ipotécas, consignações de rendimentos, usufrutos, etc.

RAPIDEZ NAS TRANSAÇÕES

Casanova da Fonseca

R. da Assunção, 67-2.º

(ESQUINA DA RUA AUGUSTA)

LISBOA

TELEFONE 3418

Cunicultura

Coelhos japonezes ou tricolores, puros. Raça de 1.ª qualidade pela sua fecundação e desenvolvimento. Esta raça produz de cada parto 7 a 8 coelhos de excelente carne e de pronto desenvolvimento.

Cada exemplar ao desmamar	500 réis
Dos tres para quatro mezes..	800 »
A criar cada	1:000 »
Coelhas cheias cada	2:000 »

Virgilio Souto Ratola

MAMODEIRO

Empreza Industrial Portugueza

SECÇÃO DE AGRICULTURA

Rua Vasco da Gama, 1 a 13
Avenida das Côrtes, 47 a 49

LISBOA

Completo sortimento de *charruas* para toda a qualidade de lavoura, terreno ou força.

Rêlhas de ferro especial temperado ou aço. Grande deposito de *peças* de sobrecelente, moldadas mecanicamente, para completa garantia de ajustamento. Preços e qualidades sem competencia alguma, devido ao que se acha largamente espalhado o nosso material por todo o país.

Importação direta de todos os *aparelhos* da melhor reputação conhecida para a nossa agricultura, como: *ceifeiras* simples ou atadeiras, *gadanheiras, respigadores, descaloladores, tararas, escolhedores* de semente, *enfardadeiras* para força manual, a gado ou a vapôr, *bombas* para poço, rega ou trasfega de vinho, azeite, etc. *Automoveis* economicos, de 1.ª qualidade.

Remete-se a quem pedir, *catalogos, informações* ou *orçamentos*, escrevendo para

Rua Vasco da Gama, 1 a 13—Avenida das Côrtes, 47 a 49

Lisboa

Ricardo da Cruz Bento

Praça do Peixe

AVEIRO

Estabelecimento de mercearia, azeite, bolachas, vinhos finos e de meza.

Breu preto, louro e cru. Azeite de peixe. Utensilios para amanho de barcos. Cordoame e poleame.

Licôres e aguardente.

Papelaria, objectos de escritorio e diversas meudezas.

PADARIA MACEDO

Praça do Comercio

AVEIRO

Esta casa tem á venda pão de primeira qualidade, bem como pão espanhol, dôce bijou abiscoitado, e para diabeticos. De tarde, as deliciosas padas.

Completo sortimento de bolachas das principaes fabricas da capital, massas alimenticias, arroz, chá de diversas qualidades, assucares, esterinas, vinhos finos.

Café, especialidade desta casa, a **720** e **600 réis** o kilo.

Cartões de visita

Com perfeição e rapidez, imprimem-se nesta tipografia por preços modicos.

Motos F. N.

A quem procure empanar o colossal triunfo da moto **F. N.** *conquistado na corrida Porto-Lisboa, atribuindo o sucesso ao incendio na maquina do concorrente, podemos responder triunfantemente que nesta corrida não só se punham á prova as velocidades de cada maquina, como tambem a sua construcção. E essa corrida veio demonstrar a invencivel superioridade da marca* **F. N.** *sobre todas as outras, porque só ella, com a sua sólida construcção, poderia resistir a todas as eventualidades que surgem num percurso tão longo, sobretudo numa epoca de tão rigorosa invernia.*

Agente exclusivo da marca **F. N.** no distrito de AVEIRO,

Joaquim Guerra--AGUEDA

Aguas de Vidago

Vendem-se no armazem de

REIS & FILHO

ROCIO

Preços do liquido:

Fonte de Campilho:— Cada garrafa de 1|4 de litro a 70 réis. Por duzia, a 65 réis. Por caixa de 110 garrafas, a 60 réis.

Fonte de Sabroso:— Cada garrafa de 1|4 de litro a 60 réis. Por duzia, a 55 réis. Por caixa de 110 garrafas, 50 réis. Cada garrafa de liiro, 120 réis. Por duzia, a 110 réis. Por caixa de 40 garrafas. a 100 réis.

PARA REVENDER FAZ-SE ABATIMENTO

Na anemia, febres palustres ou sezões, tuberculose

e outras doenças provenientes ou acompanhadas de FRAQUEZA GERAL, recomenda-se a

Quinarrhenina

EXPERIENCIAS feitas por inumeros clinicos nos hospitais do paiz e colonias confirmam ser o tonico e febrifugo que mais sérias garantias oferece no seu tratamento. Aumenta a nutrição, excita fortemente o apetite, facilita a digestão e é muito agradavel ao paladar.

Instrucções em portuguez, francez e inglez. A' venda nas boas farmacias.

Em Aveiro—**Farmacia Reis.**
Em Anadia—Farmacia Maia.
Deposito no Porto—*Farmacia Rica, Rua do Bonjardim, 370. Deposito geral*—*Farmacia Gama, C. da Estrela, 118*—*Lisboa.*

Tosses Curam-se com as *Pastilhas do Dr. T. Lemos.* Depositos: os mesmos da **Quinarrhenina.**

Bicicletas Hobart

Pompilio Ratola

AVEIRO

Escritorio de Advocacia e Procuradoria

Assuntos forenses, comerciais e civis

Sob a direcção dos advogados:

Carlos Barbosa

=E=

Chaves de Almeida

R. Augusta, 100-2.º—LISBOA

Telefone 2650

Este escritorio trata de quaisquer causas em todos os tribunais e instancias.

Encarrega-se tambem da administração de bens, cobrança de dividas, publicação de anuncios no *Diario do Governo*; averbamentos na Junta de Credito Publico, Bancos e Companhias; processos de liquidação de seguros, acompanhamentos de pretenções em repartições publicas; legalisação de documentos, etc.

Brilhantina especial para goma crua

FRASCO, 240 RÈIS

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo Torres

URNAS FUNERARIAS

DEPOSITO d'urnas funerarias dos mais modernos gostos, de diferentes madeiras e formatos.

Fundições, da melhor execução, duma casa do Porto.

Elegancia e preços sem competencia.

Manuel Pereira de Rezende

PRAÇA DE PARDELHAS

ESTARREJA

Fabrica de papel

Quem pretender comprar um bom cilindro de moer trapo e plotinas do mesmo, bem como outro qualquer material da Fabrica de Papel **Minho,** dirija-se a Agostinho F. Ventosa—FAMALICÃO—ANADIA.

Novidades para verão

Eduardo Osorio

56, Rua dos Mercadores, 60=13, Rua Mendes Leite, 21

AVEIRO

ABERTURA DA ESTAÇÃO

com um variado e grande sortido, escolhido nas principais casas.

Tecidos de alta novidade em algodões, lãs e sêdas para vestidos.

Grande variedade em sêdas e guarnições.

Blouses, echarpes, sombrinhas e cintos, grande sortido.

Grande deposito de espartilhos, ultimos modelos.

Kimonos, a maior novidade, grande sortido.

PREÇOS MODICOS

Enviam-se amostras

Aguas Fonte Nova

= DE =

VERIN

Excelente agua de meza. Resultados garantidos para bexiga, rins, figado, estomago, etc. O seu valor é confirmado por numerosos atestados.

A' venda nas principais terras do paiz.

DEPOSITOS:

PORTO—Rua de Santa Catarina, 32-1.°.
LISBOA—Rua da Prata, 231.
AVEIRO—Bernardo de Sousa Torres.

Calicida Franco

(o melhor para extrair os calos)

Deposito em Lisboa:

229—Rua da Prata—231

Motocicletes N.S.U.

A melhor, a mais elegante, a mais duravel, a mais simples, as unicas que venceram as grandes corridas do Porto a Lisboa.

O agente nos distritos de Aveiro e Vizeu:

Miguel Marques Henriques

Albergaria-a-Velha

HOTEL CISNE

Rua 5 de Outubro

AVEIRO

Magnifica instalação. Casa apropriada, junto á ria, em caminho para as praias da Barra e Costa Nova. Quartos com aceio e magnificas vistas.

PREÇOS MODICOS

Fabricas de gelo

CAMARAS FRIAS

J. Matos Braamcamp

Engenheiro de Frigorificos

Rua Aurea, 232, 1.°—LISBOA
Rambla del Centro, 14—Barcelona

Instalação completa de Leitarias—Fabricas de cerveja—adegas—fabricas de chocolate, etc., etc.

Algumas referencias: Fabrica de cerveja JANSEN; Fabrica de Conservas BRANDÃO GOMES; Fabrica de Gelo de Santarem, Angra, Faro, Beja, Evora, Figueira, Coimbra, etc. A NUTRICIA, de Lisboa; Grande Hotel de Vidago; Escola Medica de Lisboa, Assistencia Nacional aos Tuberculosos; Grande Frigorifico de Bilbao, etc.

BOMBAS COM MOTOR

MUITO ECONOMICAS

Luz electrica

Nas casas de campo, aldeias e vilas

Ultima palavra — **Fafnir**

Algumas referencias: **José Tavares da Silva Rebelo—SALREU, ESTARREJA. J. Carlos Barros, engenheiro electricista—FIGUEIRA DA FOZ.**

Livraria Central e Papelaria

DE

Bernardo de S. Torres

Praga do Comercio

AVEIRO

Livraria, papelaria e oficina de encadernação. Grande sortido de papeis nacionais e estrangeiros. Objectos para escritorio, desenho e pintura. Tabacos nacionais e estrangeiros. Livros em branco para escrituração comercial. Artigos para brindes. Chá em pacotes.

Deposito de tintas para escrever, marca **D. Pedro IV**.

Fornecimentos para escolas.

Sempre novidades em bilhetes postais ilustrados e com vistas de Aveiro.

Cervejas e gazozas,

Cordas para instrumentos.

Carimbos de borracha, metal e sinetes para lacre.

Sabonetes nacionais e estrangeiros.

Pós e pasta para dentes.

Loções para o cabelo e perfumarias.

AGENCIA DE JORNAIS

Deposito de moveis, colchoaria e marcenaria

DE

Francisco Casimiro da Silva

Côjo—AVEIRO

Sortido completo em mobilias, louças, camas, tapetes, etc.

Oficina para execução de colchões, com pessoal habilitado.

Todos os artigos para mobilar casas.

Oficina, a melhor no genero, de marceneiro.

Executa qualquer mobilia por catalogos.

Espelhos e cristaes. Louças finas e bijouterias.

PREÇOS MODICOS

Alberto João Rosa

Rua Direita-AVEIRO

GRANDE armazem de drogas e ferragens. Tintas e oleos de primeira qualidade. Vidraça, cobre, chumbo e arame. Adubos quimicos e organicos. Sulfato e enxofre.

Colegio Moderno

P. Marquez de Pombal

AVEIRO

A direção deste colegio montado nas melhores de mais modernas condições pedagogicas, de higiene e de conforto, para o que possue pessoal habilitado e casa no ponto mais salubre da cidade, recebe todas as meninas que procurem casa de educação e ensino, garantindo-lhes a melhor instalação e as melhores condições de aproveitamento.

PROFESSOR DE FRANCÊS

Ensina na sua casa e na dos alunos.

Nesta redacção se informa.

Mercearia e confeitaria

Especialidade em vinhos do Porto e Madeira, cognacs e outras bebidas.

Variado sortido de frutas secas, queijos e chocolates.

Bolachas nacionaes e estrangeiras. Chá e café de qualidade superior.

DOMINGOS P. GUIMARÃES

RUA JOSÉ ESTEVAM

AVEIRO

Estação de Verão

A ELEGANTE

FAZENDAS E MODAS

Camisaria E gravataria

=DE=

Pompeu da Costa Pereira

Rua de José Estevam, 52 e 54
Rua de Mendes Leite, 1, 3 e 5

AVEIRO

O proprietario deste estabelecimento participa ás suas Ex.mas clientes e ao publico em geral, que acaba de receber um enorme e variado sortimento de fazendas e outros artigos proprios da presente estação.

Preços modicos

Oficina de pintura

Modelação e fundição em gesso

Joaquim Ferreira Barreto (O VIDINHA)

Rua Domingos Carrancho (Cinco Ruas)

AVEIRO

NESTA oficina executam-se todos os trabalhos de pintura com a maior perfeição e arte, tais como: taboletas para estabelecimentos, desde o mais simples ao mais complicado trabalho; pintura de bicicletas, cofres, camas, lavatorios, jarros, baldes, regadores, bidets, banheiras, candieiras de suspensão, de parede, etc., e outras miudezas que careçam de pintura. Além dos trabalhos citados, encarrega-se da pintura de camas, por mais deterioradas que estejam, mandando-as concertar, e substituindo os metais velhos por novos. Tambem na pintura de bicicletas se esmera em servir bem os seus ex.mos freguezes pelo bom acabamento e perfeição.

O proprietario desta oficina achava-se habilitado a todos os trabalhos que lhe forem confiados, não só em pintura como em modelação, fundição em gesso e reprodução em bustos, medalhões, etc. Encarrega-se tambem de obras com pintura e estuque, fornecendo para as mesmas os ornamentos precisos, para ornamentação de salas, quartos e outras dependencias, para o que possue um grande e variado numero de cantoneiras, florões, folhas, rendilhos, etc. Tambem faz modelos novos, por desenhos, a gosto dos clientes ou do proprietario da oficina, e fornece ornatos fundidos e apurados prontos a assentar em qualquer obra ainda que lhe seja estranha! Faz imitações muito aproximadas do natural (fingido) em qualquer qualidade de pedra, marmore ou granito, e bem assim em madeira.

Exposição permanente de originais em gesso e de algumas fotografias de diversos trabalhos feitos pelo proprietario desta oficina, os quais poderão ser apreciados pelos seus freguezes.

Pede, pois, aos seus ex.mos clientes que visitem o seu estabelecimento, onde encontrarão economia e perfeição no serviço de que fôr encarregado, para o que está habilitadissimo.

Preços sem competencia

Tabela de preços da pintura de bicicletes

Quadro, rodas e guarda-lamas	*2$000 réis*
Vindo já convenientemente raspadas e lixadas	*1$800 »*
Quadro e rodas	*1$800 »*
Já convenientemente raspadas e lixadas.	*1$600 »*

Sem filetes, menos 200 réis. Sendo desarmada e armada nesta oficina, mais 200 réis.

A pintutura é feita ao gosto do freguez, responsabilisando-se o proprietario da oficina pelo bom acabamento.